

# **Crescer e Aprender (n)a SIT (Sociedade de Instrução Tavaredense)**

Ana Teresa Lontro

**M**

2020



Ana Teresa Lontro

**Crescer e Aprender (n)a SIT (Sociedade de Instrução  
Tavaredense)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da  
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Educação e Formação de  
Adultos

**Orientadora:** Teresa Medina

**Novembro de 2020**

## **Resumo**

Esta pesquisa procura conhecer e compreender o percurso da coletividade, Sociedade de Instrução Tavadense, e, também, o das pessoas que a frequentam. Através desta procura-se fazer uma reconstrução da história e refletir sobre os relatos das pessoas envolvidas nesta associação, de forma a compreender quais as aprendizagens e saberes é que adquiriram com a sua participação.

Esta investigação é considerada um estudo de caso, e para o desenvolvimento da mesma foram usados diferentes métodos, com especial relevância para as narrativas biográficas, que permitem compreender e ouvir as histórias dos intervenientes, fazendo uma viagem nos 116 anos de vida desta coletividade. Esta história foi organizada em 6 momentos. A primeira que conta o momento e razão da fundação da SIT. O segundo em que é enquadrada a requalificação da sede e o importante contributo do grupo cénico para essa finalidade. O terceiro, que brevemente, conta o processo de expansão da sede, com a construção do pavilhão. Um quarto momento em que são apresentadas as várias atividades que a SIT desenvolveu ao longo dos seus anos de existência. O quinto, em que é enquadrado o Centenário da coletividade e todo o processo das comemorações. E por fim, um momento em que se faz o ponto de situação atual.

Neste trabalho são analisados os processos educativos e formativos que os indivíduos têm ao frequentar uma coletividade. Os entrevistados com idades compreendidas entre os quatorze e os oitenta e sete anos têm perspetivas e vivências muito diversificadas, mas que em certos pontos coincidem. Estas narrativas biográficas foram fundamentais para uma compreensão dos significados que as mesmas dão a processos de formação não formal e informal, no contexto do associativismo.

É fundamental (re)pensar as coletividades e associações como motores de desenvolvimento de comunidades, a nível social, político, educativo, entre outros, e este trabalho procura mostrar a importância que estas têm junto das comunidades.

## **Abstract**

This research seeks to know and understand the path of the association, Sociedade de Instrução Tavadense, and also that of the people who attend it. Through this, we seek to reconstruct history and reflect on the reports of the people involved in this association, in order to understand what learning and knowledge they acquired with their participation.

This investigation is considered a case study, and for the development of it, different methods were used, with special relevance to the biographical narratives, which allow understanding and listening to the stories of the participants, taking a journey through the 116 years of life of this community. This story was organized in 6 moments. The first that tells the moment and reason for the foundation of SIT. The second that includes the requalification of the headquarters and the important contribution of the scenic group for this purpose. The third, which briefly, tells the process of expanding the headquarters, with the construction of the pavilion. A fourth moment in which the various activities that SIT has developed over its years of existence are presented. The fifth, which includes the centenary of the community and the entire celebration process. And finally, a moment in which the current situation is made.

In this work, the educational and training processes that individuals have when attending a community are analyzed. Respondents aged between fourteen and eighty-seven years old have very diverse perspectives and experiences, but in certain points they coincide. These biographical narratives were fundamental for an understanding of the meanings they give to non-formal and informal training processes, in the context of associativism.

It is essential to (re) think collectivities and associations as engines of community development, at a social, political, educational level, among others, and this work seeks to show the importance that they have with communities.

## **Resume**

Cette recherche cherche à connaître et à comprendre le chemin de la collectivité, Sociedade de Instrução Tavadense, et aussi celui des personnes qui y participent. À travers cela, nous cherchons à reconstruire l'histoire et à réfléchir sur les rapports des personnes impliquées dans cette association, afin de comprendre quels apprentissages et connaissances ils ont acquis avec leur participation.

Cette enquête est considérée comme une étude de cas, et pour son développement, différentes méthodes ont été utilisées, avec une pertinence particulière pour les récits biographiques, qui permettent de comprendre et d'écouter les histoires des participants, en parcourant les 116 ans de vie de cette communauté. Cette histoire a été organisée en 6 moments. Le premier qui raconte le moment et la raison de la fondation de SIT. Le second qui comprend la requalification du siège et l'importante contribution du groupe scénique à cet effet. Le troisième, qui raconte brièvement le processus d'agrandissement du siège, avec la construction du pavillon. Un quatrième moment où sont présentées les différentes activités que SIT a développées au cours de ses années d'existence. Le cinquième, qui comprend le centenaire de la communauté et tout le processus de célébration. Et enfin, un moment où la situation actuelle se fait.

Dans ce travail, les processus d'éducation et de formation des individus lorsqu'ils fréquentent une communauté sont analysés. Les répondants âgés de quatorze à quatre-vingt-sept ans ont des perspectives et des expériences très diverses, mais sur certains points elles coïncident. Ces récits biographiques ont été fondamentaux pour comprendre la signification qu'ils donnent aux processus de formation non formels et informels, dans le contexte de l'associativisme.

Il est essentiel de (re) penser les collectivités et les associations comme des moteurs de développement communautaire, au niveau social, politique, éducatif, entre autres, et ce travail cherche à montrer l'importance qu'elles ont auprès des communautés.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, que desde sempre me deram a educação, o apoio, os valores e o amor para chegar até aqui.

À minha família em geral, incluindo aqueles que o são de coração, por sempre me apoiarem e educarem nos caminhos a seguir.

Ao meu namorado, que tantas vezes teve de me consolar e animar, nos momentos mais difíceis, mas também por partilhar sempre comigo os melhores momentos e vibrar tanto, ou mais que eu, com as minhas conquistas.

Às minhas amigas de sempre, Melanda, Sara e Sofia, pela amizade incondicional, que se mantém e prolonga no tempo, cada vez mais forte.

Às minhas amigas do palco, Carolina, Cristiana e Joana, por nunca me deixarem desanimar e por tantas vezes se terem oferecido para me ajudar nesta pesquisa e investigação.

Aqueles que aceitaram falar comigo sobre as suas experiências na SIT, e que tantos momentos já partilharam comigo.

Aos meus colegas de turma, com quem aprendi e cresci, ao longo dos últimos 2 anos.

A todos os meus professores que me acompanharam durante este processo, em especial à Professora Teresa Medina, pelo apoio, por embarcar comigo nesta aventura, por todos os momentos de partilha e por todos os ensinamentos.

À SIT, por ser, também, a “minha casa”, desde o dia em que nasci. Onde tanto aprendi, tantos momentos passei, tantos sentimentos aprendi.

Para a minha avó, por ser a minha estrela.

Para o meu avô, por ser a minha maior inspiração, por tantas conversas, por tantos ensinamentos, por tantos momentos que me ajudaram a ser quem sou hoje.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	4
<b>Capítulo I – Enquadramento Teórico</b> .....	6
<b>1.1 Associativismo</b> .....	6
<b>1.2 Educação de Adultos</b> .....	12
<b>1.3 Educação Não Formal e Informal</b> .....	16
<b>Capítulo II – Percurso Metodológico</b> .....	19
<b>Capítulo III – Sociedade de Instrução Tavadense – Um Breve Percurso Histórico</b> .....	26
<b>3.1 Da fundação ao fim da Escola da Noite</b> .....	26
<b>3.2 Da Sede e do Grupo Cénico</b> .....	31
<b>3.3 Do pavilhão</b> .....	40
<b>3.4 Outras atividades</b> .....	42
<b>3.5 Do Centenário</b> .....	43
<b>3.6 Atualidade</b> .....	45
<b>Capítulo IV - Percursos de Vida e Aprendizagens na SIT</b> .....	51
<b>4.1 Pertencer à SIT, sentidos e significados</b> .....	51
<b>4.2 A SIT enquanto lugar de formação e de aprendizagem</b> .....	55
<b>Considerações Finais</b> .....	65
<b>Bibliografia</b> .....	67

## Siglas e Abreviaturas

SIT – Sociedade de Instrução Tavadense

## Índice de Tabelas e Figuras

Tabela 1 - Caracterização dos Entrevistados e Dados sobre as Entrevistas Biográficas

Figura 1 - Lista de sócios fundadores da SIT .....	26
Figura 2 - Recorte de Jornal "A Voz da Justiça", 31 de janeiro de 1904 .....	27
Figura 3 - Sede da SIT após requalificação .....	31
Figura 4 - Sede da SIT antes da requalificação .....	31
Figura 5 - Recorte de Jornal "Notícias da Figueira" de 23 de março de 1957 .....	33
Figura 6 - Recorte de Jornal "Diário de Coimbra" de 12 de abril de 1960 .....	33
Figura 7 - Recorte de Jornal "O Primeiro de Janeiro" de 27 de janeiro de 1965 .....	34
Figura 8 - Um dos quadros da peça "Terra de Limonete" .....	35
Figura 9 - Livro da peça "Terra do Limonete" de José da Silva Ribeiro .....	35
Figura 10 - "Os Velhos" em 1959 - cena da ceia, 3ºato .....	36
Figura 11 - Vários recortes de jornal referentes à participação da SIT no Concurso de Arte Dramática .....	37
Figura 12 – Vários recortes de jornal referente à prestação da SIT no Concurso de Arte Dramática.....	38
Figura 13 - Diplomas ganhos no Concurso de Arte Dramática.....	39
Figura 14 - Cenário da Igreja de Tavarede .....	40
Figura 15 - Cenário da aldeia de Tavarede.....	40
Figura 16 - Recorte de Jornal "Mar Alto" de 12 de fevereiro de 1975.....	40
Figura 17- Grupo Cénico em Tomar .....	41
Figura 18 - Recorte de Jornal "A Voz da Figueira" de 25 de janeiro de 2007 .....	42
Figura 19 - Programa da Récita do Centenário da SIT .....	43
Figura 20 - Quadro "Chá do Limonete" na peça comemorativa do centenário da SIT ..	44
Figura 21 - Publicação em Diário da República da declaração da SIT como pessoa coletiva de Utilidade Pública.....	45
Figura 22 - Recorte de Jornal "Diário as Beiras" de 21 de janeiro de 2020 .....	46

Figura 23 - Recorte de Jornal "Diário de Coimbra" de 19 de abril de 2020 .....	47
Figura 24 - Continuação do recorte do jornal "Diário de Coimbra" de 19 de abril de 2020 .....	48
Figura 25 - Recorte de Jornal "A Voz da Figueira" de 3 de abril de 2019.....	49
Figura 26 - Recorte do jornal "O Remate" de 21 de junho de 1960.....	52
Figura 27 - Livro da peça "Chá de Limonete" de José da Silva Ribeiro .....	57
Figura 28 - Cena "A Sesta" na peça "Chá de Limonete" .....	57

## Introdução

Quando ingressei no Mestrado em Educação e Formação de Adultos o meu objetivo em relação à dissertação não estava definido. Sempre achei que poderia e deveria ser algo relacionado com a cultura e arte, porque desde cedo comecei a perceber que estas eram duas peças fundamentais no “motor” da vida de cada indivíduo. Longe estaria eu de pensar que iria realizar a minha dissertação sobre algo que me diz tanto, o associativismo. Só no momento da apresentação da Carla Cardoso, da dissertação que tinha defendido, durante uma das unidades curriculares do mestrado é que “vi a luz ao fundo do túnel”, e percebi naquele momento, que o tema da minha dissertação de mestrado está ligado a mim desde o dia em que nasci. Durante o segundo semestre do mestrado subordinei todos os trabalhos escritos, a este tema, para que deste modo começasse a fazer a minha investigação e clarificar os seus objetivos.

A coletividade alvo de estudo na minha dissertação “corre-me nas veias”, toda a minha família, de forma mais intensa ou menos, nela participou. Na comunidade em que vivo a grande maioria das pessoas deu, de alguma forma, algum contributo para a mesma. Desde pequena ouço o meu avô dizer que “as pessoas que passam pela SIT têm mais capacidades que as outras”, palavras dele, sem qualquer conhecimento teórico, mas que de certo modo nortearam as minhas ideias para o desenvolvimento desta dissertação.

A ideia principal deste trabalho é compreender e analisar quais as aprendizagens e competências que as pessoas que, de uma forma, ou outra, participaram ativamente nesta coletividade desenvolveram ao longo dessa mesma participação e envolvimento. Além disso, foi interessante verificar o modo como as pessoas entrevistadas identificaram e mobilizaram estas aprendizagens e conhecimentos para outros contextos das suas vidas, como o nível pessoal, académico ou profissional. Para a compreensão deste fenómeno entrevistei seis pessoas que, de alguma forma, tenham estado ou ainda estejam envolvidas na Sociedade de Instrução Tavadense (SIT), através das quais fiz uma análise de forma a compreender quais os efeitos educativos da sua participação. Além disso, e tendo em conta a diversidade de idades dos entrevistados e o grande envolvimento de alguns em diferentes fases da vida da coletividade, procurou-se igualmente, conhecer e refletir sobre o seu percurso histórico e interligar os documentos existentes com as histórias contadas na primeira pessoa.

Sendo a Sociedade de Instrução Tavadense uma coletividade com mais de 116 anos de história o acervo histórico é bastante vasto, estando algum já compilado em diferentes livros, de forma a dar-nos um conhecimento mais claro e sucinto daquilo que foi e é esta coletividade. Tendo em vista a recolha e análise do material mais importante para este estudo, fiz várias pesquisas nos livros publicados, em material guardado na biblioteca da coletividade e também no espólio do meu avô. Desta forma consegui dar corpo ao enquadramento histórico, social e político.

Além disto, a leitura de bibliografia relacionada com os temas abordados foi fundamental para uma discussão teórica profunda, mas ao mesmo tempo clara.

Como nos diz Canário, *“a educação de adultos consolidou-se tendo, como uma das suas bases fundamentais iniciativas de origem não estatal, nomeadamente de iniciativa popular (política, sindical e associativa)”* (Canário, 2009:11), que como veremos ao longo desta dissertação foi uma das ideias fundadoras desta coletividade, e como podemos ler na ata da fundação desta coletividade.

Por fim, com os dados recolhidos através da pesquisa documental, com a análise das entrevistas e com a discussão teórica poderemos identificar algumas diferenças entre o antes e o agora da SIT.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro é desenvolvido o enquadramento teórico do estudo, e apresentando conceitos fundamentais para este estudo como o associativismo, a educação de adultos e os três níveis da formalização da educação (fazendo um maior enfoque na educação não formal e informal). No segundo capítulo é discutido o percurso metodológico fundamentando todas as opções de investigação usadas. O terceiro capítulo é dedicado ao percurso e enquadramento histórico da Sociedade de Instrução Tavadense, usando material recolhido ao longo da investigação e também alguns excertos das entrevistas realizadas. No último capítulo, são discutidas as aprendizagens e saberes que se adquiriram ao longo da participação nesta coletividade. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

## Capítulo I – Enquadramento Teórico

### 1.1 Associativismo

O início do associativismo como uma questão social remete-nos ao próprio início do ser humano. Desde sempre, existe a necessidade do outro para o nosso próprio desenvolvimento. É necessário que haja entajuda e que dentro de uma comunidade exista partilha para que, dessa forma, as condições de todos possam melhorar, em vários planos e perspetivas da nossa vida. Como nos diz Ferreira, *“o fenómeno associativo é plural nas suas formas e expressões. Com base nesta asserção (...) não existe um ‘movimento associativo’, como é costume dizer-se, mas antes movimentos e ações associativos, ora mais organizados ora mais espontâneos”* (Ferreira, 2011:128). O associativismo é também considerado um fenómeno de ação coletiva, constituindo *“uma das alternativas de transformação socioeconómica, política, cultural e ambiental”* (Cattani, Laville, Gaiger e Hespanha, cit. por Ferreira, 2011:127) tendo como princípios norteadores a solidariedade e a democracia (Ferreira, 2011:128).

Tendo em conta esta pluralidade de formas e expressões considera-se importante definir o tipo de associativismo que será abordado e usado como referência ao longo desta dissertação, tendo em conta as características da coletividade que está na base da presente investigação. Para este efeito, começamos com uma breve história do associativismo em Portugal.

Sabendo que desde sempre as pessoas sentiram a necessidade de se associar, o associativismo, como o conhecemos hoje, teve a sua génese *“no século XIX sob forte e fundamental influência de duas alterações substanciais: a Revolução Industrial, iniciada em Inglaterra, ainda no séc. XVII e a Revolução Francesa (1789-1793), com a consigna ‘Liberdade, Igualdade, Fraternidade’”* (Martins, s/d, cit. por Cardoso, 2013:23). Na passagem do século XIX para o século XX, as ideias republicanas começam a ter cada vez mais força, tendo em conta o plano social e político, iniciando nesta altura uma das fases em que o desenvolvimento do associativismo português mais cresceu.

Como sabemos uma das principais bandeiras da República foi a instrução do povo, principalmente das classes populares, que, tinham, então, pouco acesso à educação. Nessa altura *“ler, escrever e contar eram privilégios de uma minoria”* (Sousa, 2014:40). O acesso democrático à educação era uma ideia utópica nos dias que corriam, embora se

tenham verificado algumas alterações neste campo, com a “*criação de mais estabelecimentos de ensino, que abriram as suas portas aos filhos de um grupo popular que detinha algum desafogo económico*” (Sousa, 2014:40). Apesar do decreto-lei, publicado a 20 de setembro de 1844, que determinava que os pais que tivessem uma escola na sua área de residência deveriam matricular os seus filhos, desde os 7 aos 15 anos, e que as crianças deveriam frequentar a instrução pública, na realidade, isto não acontecia.

Muitas foram as coletividades e associações que nasceram nesta época com o intuito de contribuir para a extinção do analfabetismo das suas comunidades. À luz das correntes republicanas, de forma gratuita e voluntária, a população em geral começou a preocupar-se mais com a instrução e educação, e fez dela o mote para a criação de das várias coletividades de “instrução” que existiram e existem no nosso país.

Apesar de ter sido escrita bastantes anos antes da instauração da República Portuguesa, a obra *A Associação: História e Desenvolvimento das Associações Portuguezas* (1876), faz notar desde cedo alguns destes ideais republicanos. Costa Goodolphim, em 1876, dizia que “*o operario precisa ter uma associação sua, onde todos os socios sejam companheiros, onde elle passe uma parte da noite, lendo ou estudando em livros ao alcance da sua intelligencia e do seu saber. Estas sociedades podem ser chamadas de instrucção popular ou de temperança.*” (Goodolphim, 1876:6).

Durante muitos anos as coletividades e associações desempenharam um papel crucial na formação de pessoas e de comunidades, como afirma Tocqueville (2001, cit. in Viegas, 2004:39), sendo estas “*difusor[as] da cultura cívica e democrática*”, “*os indivíduos, ao envolverem-se em associações, não só interiorizam valores cívicos de cooperação e reciprocidade, como desenvolvem atitudes de confiança e se capacitam para a intervenção na esfera pública e na esfera política, em particular*” (idem). Os efeitos cívicos e democráticos da participação em associações e coletividades faz-se sentir em três níveis, como identifica Warren (2001 e 2004, cit. in Viegas, 2004):

“*efeitos a nível individual: aumento da informação, dos conhecimentos, do sentimento de poder participar, do sentido crítico, da tolerância social e política e das virtudes cívicas em geral; efeitos a nível da esfera pública: contribuição para a discussão pública e deliberação democrática; contributos para o debate no campo institucional político; efeitos institucionais: representação de interesses e identidades; suporte de ações coletivas de protesto e resistência; funções de coordenação e regulação, papel*

subsidiário na implementação de políticas públicas” (Warren (2001 e 2004 cit. por Viegas, 2004:41).

No entanto, com a entrada do regime ditatorial em Portugal, começaram os ataques a estas associações e coletividades, controlando as suas atividades. Apesar de controladas e de muitas das suas atividades deixarem de ser realizadas e praticadas, por imposição do Estado Novo, as coletividades e associações continuaram a existir e algumas delas tiveram um papel fundamental na abertura de horizontes da sua comunidade.

Com o fim da ditadura, o movimento associativo e popular cresceu muito, Boaventura de Sousa Santos (1990), diz-nos que estas,

“abriram novos espaços de sociabilidade e criatividade social, projetaram de forma inovadora soluções autónomas para os problemas das classes trabalhadoras no domínio da habitação, da atividade cultural, da organização da produção, da vida comunitária, asseguraram o funcionamento mínimo do processo produtivo face ao defensismo absentista ou mesmo ao boicote do patronato, identificaram ou ampliaram carências sociais e servidões que o ambiente simbólico concentracionário do Estado Novo não tinha permitido revelar e, enfim, alargaram e aprofundaram o conceito de política no próprio processo de capacitação social das classes populares” (Santos, 1990, p. 32).

E Teresa Medina (2008), que

“os ecos da Educação Permanente chegaram então a Portugal, abrindo-se amplas perspectivas de intervenção e de participação popular, com a emergência de milhares de colectividades e associações, de centros de educação popular, de comissões de moradores e de sindicatos, com o envolvimento de largos sectores da população portuguesa em processos de participação e mobilização colectiva que se tornaram, em si mesmos, espaços formativos de grande importância” (Medina, T., 2008: 43-44).

Com a entrada do poder democrático em jogo, após a revolução de 25 de abril de 1974, considerou-se fundamental consagrar na Constituição da República Portuguesa, aprovada a 2 de abril de 1976, o direito e a liberdade de associação:

Artigo 46.º - (Liberdade de associação)

“1. Os cidadãos têm o direito de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações, desde que estas não se destinem a promover a violência e os respectivos fins não sejam contrários à lei penal.

2. As associações prosseguem livremente os seus fins sem interferência das autoridades públicas e não podem ser dissolvidas pelo Estado ou suspensas as suas actividades senão nos casos previstos na lei e mediante decisão judicial.
3. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação nem coagido por qualquer meio a permanecer nela.
4. Não são consentidas associações armadas nem de tipo militar, militarizadas ou paramilitares, nem organizações racistas ou que perfilhem a ideologia fascista.” (Constituição da República Portuguesa, VII Revisão Constitucional, 2005).

A Revolução de 74 teve, não só ao nível associativo, mas também cultural, social e político, uma importância extrema. Deste momento em diante as pessoas que até então não conviviam com a liberdade, passaram a tê-la para formar associações e coletividades, algumas delas fundamentais para a educação a nível cultural e social, como afirma Carla Cardoso,

“As associações são lugares onde o educativo acontece ou, se quisermos dizer de outra forma, onde podem ocorrer diversas aprendizagens. Partir deste pressuposto implica uma mudança de paradigma, ou seja, colocar de lado a ideia de que o único lugar onde as pessoas são educadas é a escola para passar para uma outra perspectiva de que as pessoas são construtoras da sua própria aprendizagem nos diferentes contextos onde estão inseridas.” (Cardoso, 2013:29).

No que diz respeito ao número e diversificação de atividades e de tipos de associativismo temos visto um grande aumento desde a altura da revolução (Cardoso, 2013:25), sendo que, “*cerca de metade das associações que hoje temos em Portugal decorrem do 25 de Abril de 1974*” (Martins, s/d:4, cit. in Cardoso, 2013:25). Tendo em conta o testemunho de Alfredo Castanheira, citado por Rui Canário,

“as associações e coletividades populares instituíram-se como espaços de liberdade onde se promovia a distração, a aprendizagem, a discussão e transmissão de ideias, através de uma gama tão variada de atividades como: cursos de alfabetização, de línguas, de corte e costura, conferências, sessões de cinema, bailes, grupos corais, aulas e cursos de música, teatro, exposições de artes plásticas, concertos (com bandas filarmónicas, orquestras sinfónicas, orquestras de salão)” (Canário, 2009:139).

De acordo com Viegas (2004:34), existem vários sinais que mostram a importância das associações, como por exemplo:

“acordos entre estas e o Estado, nomeadamente no campo da solidariedade social, da saúde e da educação; apoios concedidos, particularmente pelas autarquias, às associações de solidariedade social, culturais e desportivas; bem como a presença constante nos media de dirigentes e militantes associativos pronunciando-se sobre os direitos dos trabalhadores, a solidariedade social, a paz e os direitos humanos, o património, o ambiente, a defesa dos grupos minoritários, o racismo, o aborto, entre muitos outros problemas sociais.”

Foi também durante a revolução de abril de 1974 que, segundo Canário (2007:11), houve por um lado, um rompimento com a figura central do Estado, enquanto criador e aplicador de leis e políticas educativas, e por outro lado, os processos não formais de educação se mostraram como algo fundamental em processos “de ação e de luta pela transformação social” (idem).

Sabemos que o associativismo vive muito do trabalho voluntário, das suas comunidades locais, da autonomia, da solidariedade, e que são verdadeiros palcos para se experienciar a democracia e a cidadania.

Nos dias que correm o associativismo e as coletividades veem o panorama alterar-se e o seu campo de ação a ficar cada vez mais amplo. Muitas associações tiveram que diversificar e alargar os seus pontos de atuação, de forma a chegarem a mais gente e a garantirem a sua sobrevivência ao longo dos tempos e novas associações se têm vindo a construir, em torno de objetivos específicos, de que são exemplo diversas associações ambientalistas, de jovens, de luta contra problemas sociais, de apoio aos mais necessitados. Tal como diz Martins (s/d:4, cit. in Cardoso, 2013:26),

“...as coletividades mais “clássicas” diversificaram em muito as suas atividades e por outro lado, emergiram ou reforçaram-se outros tipos de associativismo: de defesa (património, consumidores, à vítima, etc.); movimento de moradores; juvenil e estudantes; ambiente e ecologia; de pais e da família, pessoa com deficiência etc.”.

Com a mudança de paradigmas da sociedade, também as associações e coletividades refletem essas mudanças sociais e culturais.

Além disso, e tendo em conta o momento que vivemos, tanto no que diz respeito a novas formas de associativismo, como à emergência das redes sociais e de outras formas de comportamento e de relacionamento entre as comunidades e a população em geral, deveremos, continuamente pensar e repensar as dinâmicas associativas, olhar para as

redes sociais também como um novo espaço de socialização, e equacionar o seu potencial contributo para novos processos associativos e para o alargamento de horizontes das antigas coletividades e associações. Esta questão assume uma particular relevância, tendo em conta, o momento delicado que passamos, no que diz respeito à pandemia mundial (COVID-19), que veio, em muitos casos, colocar a sobrevivência de várias coletividades em causa. É importante referir que muitas destas associações foram e são casas de aprendizagens e ensinamentos valiosos para o dia-a-dia, locais de vivência e experiência coletiva.

## 1.2 Educação de Adultos

A educação de adultos surge no século XVIII, com os ideais iluministas, e emerge numa lógica de “*educação como um processo permanente*” (Le Goff, 1996, cit. in Canário, 2013:11). Foi durante o século XIX e primeira metade do século XX, que a Educação de Adultos teve o seu maior desenvolvimento até então, (Canário, 2013, p.11), como é enunciado por Noel Terrot (cit. in Canário, 2013:11), segundo 4 eixos fundamentais:

“o nascimento e emergência dos conceitos, iniciativas do Estado no sentido de tomar a seu cargo a alfabetização dos iletrados, iniciativas associadas à formação profissional e à educação política visando o exercício do sufrágio universal” (Noel Terrot, s.d, cit. in Canário, 2013:11).

É preciso ter em conta que o desenvolvimento da educação de adultos deu-se, tendo como “*bases fundamentais, iniciativas de origem não estatal, nomeadamente de iniciativa popular (política, sindical e associativa)*” (Canário, 2013:11). Corroborando esta ideia, Santos Silva (1990, cit. in Canário, 2013:11-12), diz-nos que a explosão da educação de adultos deve-se, em grande parte, a dois grandes movimentos sociais, por um lado, ao movimento operário associado ao movimento social de massas, que é uma das raízes da educação popular; e, por outro lado, a criação de sistemas escolares nacionais que apostaram nas modalidades de segunda oportunidade, de forma a abranger, deste modo, os adultos. A segunda metade do século XIX e início do século XX, foram, fortemente, marcadas pela organização de várias associações, “*bibliotecas, criação de grupos de teatro, ações de alfabetização, cursos livres, círculos de estudo, conferências e palestras*” (Medina, T., 2008:35).

“Com a instauração da República, verifica-se um grande crescimento das organizações operárias e da atividade sindical que assumem uma significativa importância na vida cultural, social e política do país. Ao mesmo tempo assiste-se também a «uma verdadeira explosão na criação de centros de educação popular» (Candeias, 1981:41), com o aparecimento de inúmeras sociedades de instrução e recreio que desenvolvem uma intensa atividade” (Medina, T., 2008:36).

Nos últimos anos a Educação de Adultos tem vindo a constituir-se um campo específico, que segundo Santos Silva (1990 cit. in Alves, 2011:9-10) levaram ao aparecimento de novas perspetivas, sendo elas:

- A qualificação e formação profissional, de forma a melhorar e qualificar a mão de obra existente nos diferentes setores de atividade. Este é um dos pontos mais desenvolvidos e com maior investimento por parte do Estado em Portugal.
- A evolução dos métodos de alfabetização, com o surgimento de novos conceitos, novas práticas e novas perspetivas. Como referido no artigo *Evolução e História da Educação de Adultos em Portugal*, é importante salientar a importância e o trabalho de Paulo Freire no campo da alfabetização, e a sua “*ação cultural para a libertação*” (Alves, 2001:9), deixando de parte a ideia de que esta era apenas um instrumento de socialização. Este modelo de Paulo Freire foi fundamental para a transformação da Educação de Adultos, passando a ser vista como transformadora das estruturas sociais (Alves, 2011:10).
- E a educação permanente, gerido pelo sujeito, em busca de conhecimento do seu interesse, e que abrange diversos campos, como o pessoal, o profissional, o cívico. Este processo não tem tempo, nem local para acontecer.

Sendo esta uma tese sobre aprendizagens e competências adquiridas num âmbito não formal e informal, considero importante olhar para a educação permanente como uma atenção especial.

“Ao longo da história, verificamos que o homem está em constante mudança e evolução, quer a nível geral, da própria raça, quer a nível específico, como indivíduo. Essa mudança reflete-se pela transmissão/troca de saberes e vivências marcando uma forma de pensar, estar e agir próprias à sua cultura e época.” (Alves, 2011:12).

A educação ao longo da vida vem romper com o ideal de que existe uma altura e um local para aprender, reconhecendo-se que toda e qualquer fase da vida são boas para o indivíduo aprender (idem).

Isabel Loureiro et al (cit. in Alves, 2011:12) diz que a

*“educação é um processo que dura toda a vida, tentando envolver a totalidade do ser e levando-o à participação ativa na criação da cultura, da técnica, da ciência, do bem-estar, da riqueza da paz, da cooperação internacional, enfim realizando o indivíduo como pessoa e como membro de uma comunidade mundial.”.*

Muitos anos antes de o conceito de Educação de Adultos ser debatido, Condorcet, (1792, cit. in Alves, 2011:13), dizia que *“a instrução não deve abandonar os indivíduos à saída da escola, mas que deve abranger todas as idades, pois não há nenhuma idade em que seja impossível ou inútil aprender”*. Este era o panorama da altura, a educação e as políticas eram apenas criadas tendo em consideração as crianças e os jovens, deixando à revelia, quase por completo, a educação de adultos.

Apesar de este fenómeno se ter alterado, e de a Educação de Adultos passar a ser tida em conta, ao longo dos tempos tem havido uma grande crítica às políticas criadas e aos modelos e moldes em que esta educação é desenvolvida. Muitas vezes o modelo escolar é utilizado como referência para a implementação de projetos e para o desenvolvimento de aprendizagens junto de adultos. Mas, como nos diz Cármen Cavaco, *“torna-se necessário que educação de adultos quebre a sua quase exclusiva redução à dimensão escolar e aposte, de uma forma articulada, nas potencialidades educativas de outras modalidades, que não a formal.”* (Cavaco, 2002:19).

Além disto, as instituições internacionais tendem a tornar a educação de adultos cada vez mais vocacionada para a formação profissional e aprendizagens para o trabalho, como meios de solucionar o problema do desemprego e a necessidade de tornar a mão de obra cada vez mais qualificada, de modo a tornar as empresas e os próprios Estados-Membro cada vez mais competitivos (Velo, 2004:190). O Livro Branco, criado pela Comunidade Europeia, cujo principais objetivos estão enunciados previamente neste parágrafo, limita a educação de adultos à competitividade de mercados, ao crescimento económico e à diminuição das taxas de desemprego, sendo que *“a educação para a democracia, a educação ao longo da vida com preocupações emancipatórias e de cidadania ficam à margem deste projeto limitado de aprendizagem de tendência vocacionalista”* (Velo, 2004:190). De acordo com Canário (1999, cit. in Velo, 2004:191), o Livro Branco, não traduz um *“interesse renovado e, aparentemente consensual pela educação, entendida como um processo continuado que atravessa toda a existência humana”*, sendo de alguma forma redutora, no que toca aos processos de aprendizagem e excludente de alguns grupos sociais e faixas etárias.

É importante referir que a educação de adultos não é, apenas, a alfabetização e o ensino recorrente, como geralmente é tratada. A educação de adultos é um campo bastante amplo e contempla todos os processos educativos que ocorrem ao longo da vida (Cavaco,

2002:17), apesar de até ao séc. XX ter sido ignorada e menosprezada pelos decisores políticos (Cavaco, 2002:13).

Olhando a Lei de Bases do Sistema Educativo, em vigor desde 1986, podemos ver, no cap. II art.4º, que o sistema educativo português contempla três tipos de educação, a pré-escolar, a escolar e a extra-escolar. Não havendo qualquer tipo de referência à educação de adultos, podemos depreender através da definição, presente no ponto 4 do mesmo artigo, que *“A educação extra-escolar engloba atividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento e atualização cultural e científica e a iniciação, reconversão e aperfeiçoamento profissional e realiza-se num quadro aberto de iniciativas múltiplas, de natureza formal e não formal.”* (Lei de Bases do Sistema Educativo,2019:13) que esta será a educação de adultos.

### 1.3 Educação Não Formal e Informal

A educação de adultos e a distinção dos três níveis de formalização da educação estão entre si ligados, porque como nos diz Bruno (2014), a escalada e crescente valorização da visão escolarizada sobre a educação, ao mesmo tempo que o aumento da visibilidade dos processos educativos não formais na segunda metade do século XX, fizeram com que esta delimitação fosse necessária (Bruno, 2014:12).

Canário (2006:195-196) defende que a educação “*consiste num processo permanente em que, como ser inacabado e curioso, a pessoa afirma e constrói a sua especificidade humana, interrogando-se, construindo conhecimento sobre o mundo e sobre a forma de nele intervir*”.

De modo a compreendermos de uma forma mais clara a diferença entre estes três tipos de educação, Canário (2013:77), explica que a *educação formal* é definida “*pela escola, com base na assimetria professor aluno, na estrutura prévia de programas e horários, na existência de processos avaliativos e de certificação*”.

Por outro lado, a *educação não formal* é caracterizada pela “*flexibilidade de horários, programas e locais, baseado geralmente no voluntariado, em que está presente a preocupação de construir situações educativas “à medida” de contextos e públicos singulares.*” (idem). Segundo Gohn (1999, cit. in Gadotti, 2005:3) a educação não formal “*designa um processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados*”. Além disso, este tipo de educação é muitas vezes associado à educação popular e comunitária (idem), tendo em conta os meios em que se desenvolve e acontece.

E por fim, a *educação informal*, que nos é descrita como sendo “*todas as situações, potencialmente educativas, mesmo que não conscientes, nem intencionais, por parte dos destinatários, correspondendo a situações pouco ou nada estruturadas e organizadas.*” (Canário, 2013:78). Também Cavaco (2002:39) afirma que “*a educação informal concretiza-se através da experiência, que por sua vez apresenta carácter local, pois resulta do contacto com uma situação concreta, num determinado contexto. O saber experiencial é um saber de uso local, que o indivíduo partilha com os restantes elementos da comunidade a que pertence*”.

Em 2006, num dos seus artigos, Canário (2006:196) enaltece a importância da educação não formal dizendo que estamos todos condenados a aprender, e que isso “*é tão necessário, natural e inevitável como respirar.*”. Mostra-nos ainda que a grande maioria das coisas que sabemos não foram aprendidas na escola, sendo que esta é um projeto, historicamente, recente (Canário, 2006:196). Tal como defende Coombs (1985, cit. in Canário, 2013:80)

“o processo ao longo da vida através do qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, capacidades, atitudes; a partir das experiências quotidianas e da interação com o meio ambiente – em casa, no trabalho, no lazer; a partir do exemplo e das atitudes da família e dos amigos; das viagens, lendo jornais e livros, ou escutando rádio, vendo filmes ou televisão. Em geral, a educação informal não é organizada, nem sistematizada, nem sequer, muitas vezes, intencional, mas constitui até ao presente a maior fatia da aprendizagem total durante a vida de uma pessoa – mesmo para aquelas que são altamente escolarizadas”.

A *educação não formal* e a *informal* continuam, nos dias de hoje, a ser vistas como os parentes pobres da educação, não se dando a devida atenção e valor às aprendizagens realizadas nesses contextos. Até mesmo a nível académico, estes conceitos e definições não são consensualmente aceites (Cardoso, 2013:30).

Tendo a ótica de que a educação e/ou formação podem acontecer nos mais diversos locais e das mais variadas formas, as mesmas tornam-se mais ricas e valiosas. Citando Boavida e Amado

“...podemos considerar como educativa toda a situação em que se manifeste, ou que manifeste, uma intenção de aperfeiçoamento ou de qualificação, isto é, uma qualquer tensão capaz de dinamizar, num educando, um processo de aperfeiçoamento ou vontade de aprendizagem. Note-se que no caso da educação informal ou na educação espontânea, não há, de facto, uma intenção explícita, mas deixa de haver uma influência ou uma intenção implícita nos contextos culturais em que o indivíduo se insere e que, ao condicioná-lo nas atitudes (inibindo umas, reforçando outras), o orientam num certo sentido e nele promovem transformações comportamentais que a sociedade considera adequadas” (Boavida & Amado, 2008:170).

Desta forma, podemos olhar para a educação/formação como algo singular, único e personalizado, porque duas pessoas mesmo que passem e vivenciem a mesma situação, terão sempre perspetivas e pontos de vista diferentes, que resultarão em aprendizagens

diferentes. Como Dominicé (1985, cit. por Cosme, s/d:23) *“a história de formação de cada um é uma história de vida”*. Corroborando esta ideia Canário (2006:196) diz que cada pessoa *“afirma e constrói a sua especificidade humana, interrogando-se, construindo conhecimento sobre o mundo e sobre a forma de nele intervir”*.

A educação/formação não deve ser pensada de forma padronizada, porque o que resulta para certos indivíduos, não resultará de todo, ou tão bem para outros.

Outro dos aspetos da educação não formal e da informal que é relevante e fundamental em qualquer processo de aprendizagem, é a volatilidade com que o educador passa a ser educando, e vice-versa. Nestes contextos a figura do educador ou professor não existe, o que torna o processo de ensino-aprendizagem bastante mais rico, intenso e interessante. Citando Boavida e Amado (2008:173), *“não é educador quem quer ou assim se presume, nem sempre que o pretende, mas quem desempenha, de facto, em qualquer situação, uma função de transformação para melhor, no educando, e também em si mesmo”*. Qualquer um de nós pode ser agente de educação, mudança e criação, através das nossas ações e das aprendizagens que retiramos de cada vivência que experienciamos.

Algumas associações foram e são grandes polos de aprendizagem, educação e instrução de indivíduos.

No entanto, é importante ter em conta que sendo este um panorama tão heterogéneo, também as aprendizagens, valores e princípios o serão (Ferreira, 2011:140). Além disso devemos ter em consideração que as associações e coletividades são, muitas vezes, assentes nas crenças de um grupo nuclear de pessoas, e que com as mudanças ao longo dos tempos, os próprios princípios, ideologias e práticas se podem vir a alterar também, modificando o sentido educativo e instrutor de forma consequente.

## Capítulo II – Percurso Metodológico

O processo até à definição do tema da minha tese foi demorado e envolveu bastante leitura e pesquisa. Segundo Bourdieu (1997, cit. in Medina, T., 2008:71) *“é somente quando se apoia num conhecimento prévio das realidades que a pesquisa pode fazer surgir as realidades que deseja registar”*. No momento que defini que a Sociedade de Instrução Tavadense (SIT) seria o contexto “base” para o desenvolvimento da mesma percebi que o meu conhecimento e vivência prévia teriam bastantes pontos positivos, porque seria mais fácil a minha compreensão do contexto e do que o envolve, tendo em conta que, embora de uma forma muito genérica, já era conhecedora de parte da sua história e de parte do percurso desta coletividade, com 116 anos de vida. Citando Campenhoudt et al (2017:65)

“a exploração comporta as operações de leitura, as entrevistas exploratórias e alguns métodos de exploração complementares. As operações de leitura visam essencialmente assegurar a qualidade da problematização, ao passo que as entrevistas e os métodos complementares ajudam essencialmente o investigador a ter um contacto com a realidade vivida pelos atores sociais”.

Tendo isto em conta, para além da leitura de diferentes autores que trabalham os campos do associativismo e da educação de adultos, considereei importante fazer uma pesquisa bibliográfica sobre a SIT. Conhecer certos acontecimentos, procurar e ler relatos em jornais e livros, bem como entrevistas anteriormente realizadas, foram o ponto de partida para esta investigação. Para isso, recorri ao espólio, em primeiro lugar, da Biblioteca Municipal da Figueira da Foz e, posteriormente, aos arquivos do meu avô, Manuel Lontro, que foi contruindo, ao longo dos anos, um vasco acervo documental. Importa, pois, sublinhar desde já, que grande parte dos documentos inseridos e citados neste trabalho lhe pertencem. A SIT também dispõe de um arquivo, mas devido ao furação Leslie, que danificou largamente a estrutura da sua sede, este teve que ser transferido de local, o que tornou bastante difícil o processo de consulta do mesmo. Além disso, o surto do COVID-19, também dificultou bastante esta pesquisa, tendo em conta que a sede foi fechada.

Depois de algum estudo e trabalho prévio, foi possível definir os objetivos da minha investigação:

- Compreender o percurso histórico desta coletividade, usando todo o material disponível (jornais, livros, entrevistas), completando e ilustrando o mesmo com as entrevistas realizadas por mim;
- Perceber as diferentes formas de participação na coletividade;
- Compreender quais os impactos na educação e formação dos indivíduos que frequentam e participam nesta coletividade;

Tendo em conta os objetivos da investigação que me propus a realizar, a metodologia mais adequada seria o estudo de caso, visto que este é um método que implica uma recolha de material empírico sob várias formas, o que valoriza, e muito, a investigação, porque muito do material recolhido e utilizado conta uma história vastíssima, o que enriquece esta dissertação.

Esta metodologia requer a utilização de diferentes técnicas e meios de recolha de dados, como refere Yin (2009, cit. in Cardoso, 2013:41), sendo que “*o material pode vir de seis fontes: documentos, registos arquivados, entrevistas, observação direta, observação participante e artefactos físicos*”. Para além da mobilização de diversas fontes é necessário fazer uma análise e avaliação detalhada de forma a compreender a pertinência e a validade de certos materiais.

Este foi um dos processos mais longos e demorados, tendo em conta que existe muito material, de diversas origens, que não é fácil analisar e cruzar, procurando verificar a validade e veracidade de certas informações, factos e acontecimentos relatados.

Durante o processo de recolha de informação apercebi-me que alguns “atores” importantes desta coletividade poderiam enriquecer ainda mais a investigação, dando conta das suas vivências. No livro elaborado por ocasião do centenário da associação, existe um capítulo inteiramente dedicado a depoimentos de pessoas que, de alguma maneira, fizeram e fazem parte da mesma, contanto a importância que a SIT teve para elas, em vários aspetos da sua vida. Percebi então, que seria importante recolher novos testemunhos, procurando, através das suas narrativas, contribuir para o aprofundamento da história da associação e para a compreensão da importância que esta tinha tido nas suas vidas e nos seus processos de formação.

Assim, foram realizadas entrevistas a diversas pessoas, com idades, experiências e tempos de vivência na coletividade diferenciadas, tendo em conta que, como dizem Campenhoudt et al (2017:89) *“as entrevistas contribuem para descobrir os aspetos a ter em conta, permitem encontrar novas pistas e alargam ou retificam o campo de investigação de leituras”*. os relatos e depoimentos foram obtidos através de uma forma específica de entrevista, conhecida como narrativa biográfica, que deste modo permite *“uma outra compreensão da história individual e coletiva, dos diferentes contextos em que as pessoas intervieram e participaram e das transformações sociais, políticas, económicas e culturais que influenciaram os seus percursos de vida”* (Medina, T., 2008:79), sendo que através destas narrativas conseguimos *“uma maior explicitação, pelo próprio, dos sentidos e significados que atribuem às suas experiências, memórias e vivências no processo de construção de si”* (Medina, T., 2008:79-80), até porque segundo Josso (2002:191) é

“um material narrativo é constituído de recordações consideradas pelos narradores como “experiências” significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e, ao fim de contas, das representações que eles construíram deles mesmos e do seu contexto humano e natural”.

Desta forma procuramos compreender os percursos destas pessoas na coletividade, a influência que a mesma teve noutros planos da sua vida, e, até mesmo, completar e abranger alguns momentos históricos da coletividade que estas mesmas pessoas vivenciaram. Este tipo de entrevistas exige mais tempo, o que, tendo em conta o tempo disponível para realizar a dissertação, obriga a que o número de pessoas entrevistadas seja menor (Campenhout, et al., 2017). O material recolhido durante as entrevistas foi bastante rico e tornou-se essencial para uma contextualização e enquadramento histórico, social e político, mais precisas. O material recolhido e organizado, decorrente desta investigação e estudo, será posteriormente entregue à Sociedade de Instrução Tavadense, para que dessa forma todos os sócios, amigos e investigadores possam ter acesso a tão vasta e rica informação.

A escolha das pessoas a entrevistar foi um processo relativamente simples. Todas as pessoas escolhidas fazem ou fizeram parte do grupo cénico da SIT (atividade principal da coletividade), mas desempenharam diferentes papéis ao longo dos anos. Campenhout et al. (2017:91), fazem referência à importância da seleção dos entrevistados, dizendo que

um dos grupos a ter em consideração são as “*testemunhas privilegiadas. Trata-se de pessoas que, pela sua posição, ação ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema*” (Campenhout et al. 2017:91).

O primeiro ponto que tive em conta nesta escolha foi a faixa etária, procurando encontrar pessoas mais velhas, mas também mais novas, para que, de certa forma, fosse possível fazer um percurso histórico da associação, e compreender diferentes pontos de vista. Outro dos pontos que também se teve em atenção foi o sexo, procurando entrevistar pessoas de ambos os sexos, uma vez que há homens e mulheres com envolvimento na associação. Inicialmente ficou decidido realizar seis entrevistas, pelo que foram selecionadas três pessoas do sexo masculino e três do sexo feminino. Um outro aspeto considerado importante e a ser tido em conta era a forma como se tinha iniciado a participação dos entrevistados na coletividade. Sabendo que a maior parte das pessoas que a frequenta, bem como outras associações com as mesmas características, começa a participar por influência familiar, foi importante entrevistar uma pessoa cuja participação não se tenha iniciado devido à família.

<b>Nome</b>	<b>Data de Nascimento</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Data e Duração da Entrevista</b>	<b>Local da Entrevista</b>
Manuel Gaspar Lontro	05/03/1933	Tavarede	3 de março de 2020 1:39:38 + 10:06	Casa do entrevistado
Ilda Simões	23/10/1948	Tavarede	28 de janeiro de 2020 1:28:04	Casa da entrevistada
João Miguel Amorim	12/02/1986	Tavarede	29 de maio de 2020 52:04	Plataforma Skype
Cristiana Fadigas	18/10/1989	Tavarede	15 de fevereiro de 2020 53:51	Casa da entrevistada
Madalena Santos	08/04/2006	Figueira da Foz	13 de maio de 2020 15:18	Plataforma ZOOM

Tabela 2 - Caracterização dos Entrevistados e Dados sobre as Entrevistas Biográficas

Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados, recorrendo a um consentimento informado, no qual informei que as mesmas seriam usadas para a elaboração e sustentação desta dissertação. No caso da entrevista da Madalena foi realizada com autorização dela, e dos pais, tendo em conta que é menor de idade. Foram assumidos os nomes verdadeiros dos entrevistados por considerar que só assim se podem compreender certos momentos e certas histórias. Algumas das pessoas entrevistadas fazem parte da coletividade há décadas, foram e são peças fundamentais para o desenvolvimento, crescimento e permanência, nos dias de hoje, da mesma.

Além dos entrevistados mencionados acima, realizei mais uma entrevista a João Ricardo Bastos, mas a mesma ficou inaudível, e mesmo depois de a passar por um programa de tratamento de som, foi impossível fazer a sua transcrição e respetiva análise.

As entrevistas realizadas até março, foram gravadas com recurso a um gravador, sendo que, em algumas delas, foi usado o gravador do telemóvel e do computador. Após isso, e devido à pandemia do COVID-19, as entrevistas tiveram que ser realizadas através da plataforma Zoom, o que pode ter influenciado o decorrer das mesmas e o comportamento dos entrevistados, e mesmo o meu, enquanto investigadora.

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, sendo que, depois de analisadas e revistas, foram corrigidas em alguns aspetos como por exemplo, nomes de pessoas envolvidas nos relatos, que foram eliminados, devido a questões éticas. Como diz Medina, T., (2008:73), *“a transcrição é sempre uma tradução, reflete sempre a interpretação ou o sentido que quem transcreve dá ao que está a ouvir e que se materializa, entre outros aspetos, na pontuação do texto”*, podendo então haver lugar para outras interpretações e análises das entrevistas e das suas transcrições.

Tendo por base o que nos diz Burgess (1997, cit. in Cardoso, 2013:39) sobre a investigação social não ser de todo um processo simples, linear e claro, onde, muitas vezes, a interação e ligação entre o investigador e os investigados tem influência direta no caminho da investigação, e conseqüentemente nos seus resultados, considero importante referir que todas as entrevistas foram realizadas com pessoas que eu conheço, há muitos anos, sendo algumas delas, do meu círculo mais fechado de amigos, e também, claro, o meu avô.

Por um lado, este é um aspeto que poder ter influenciado as respostas e a conversa, mas que eu tentei, ao máximo, contornar. Por outro lado, esta terá sido uma mais valia

para a minha pesquisa, visto que tenho um conhecimento mais claro e preciso de certos acontecimentos, sendo que muitos dos acontecimentos relatados, foram vividos também por mim, permitindo um outro aprofundamento da abordagem de diversos assuntos.

Apesar de todos os contratemplos que surgiram ao longo deste caminho, as entrevistas realizadas foram dos momentos mais prazerosos e interessantes deste processo, tendo em conta todas as descobertas e partilhas que pude realizar. Citando Campenhoudt et al (2017:89), o processo da entrevista *“constitui uma das fases mais agradáveis da investigação: a da descoberta, a das ideias que surgem e dos contactos humanos mais ricos com as pessoas que viveram concretamente, na sua vida [...] social ou pessoal, os fenómenos que a investigação pretende estudar”*.

A análise documental foi outra das técnicas usadas, para que a caracterização histórica fosse mais precisa. Através dela foi possível obter informações importantes e muito interessantes para a construção do enquadramento histórico desta coletividade, assim como para comprovar alguns aspetos que foram contados durante as narrativas biográficas, confirmando o que afirma Yin (2008, cit. in Cardoso, 2013:49) que *“o uso mais importante da documentação é para corroborar e argumentar com as evidências recolhidas através de outras fontes”*.

Sendo esta uma casa com 116 anos de história, a recolha do material empírico foi algo que demorou algum tempo, sendo obrigada a fazer uma seleção inicial dos documentos que teriam algum interesse e, numa fase posterior, uma nova pesquisa já com objetivos mais precisos, tendo em conta pontos em que se iria focar a investigação.

O espólio do meu avô, que ele foi guardando e construindo ao longo de várias décadas, revelou-se de uma enorme importância.

No que diz respeito às questões éticas, dois dos principais pontos que considero fundamental enunciar, são: em primeiro lugar, o meu envolvimento enquanto indivíduo e cidadã na coletividade em análise; em segundo lugar, a minha relação com as pessoas que foram escolhidas para serem entrevistadas. Por um lado, se a minha relação pessoal com estas pessoas pode ter influenciado as suas respostas e aquilo que contaram durante as narrativas biográficas, por outro, considero que o facto de as conhecer, e algumas delas,

serem minhas amigas e familiares, ajudou-me na escolha de quem entrevistar, de forma a que este estudo se tornasse o mais rico e interessante possível.

Ao utilizar as narrativas biográficas com os meus entrevistados, considero que o à vontade e a ligação já existente, e o meu conhecimento “de causa”, ajudaram em todos os casos a conduzir, e a compreender de melhor forma aquilo que estava a ser transmitido. Assim como com a análise das entrevistas e tudo aquilo que foi usado para fazer esta investigação. Apesar deste meu conhecimento e ligação tentei, sempre, durante as entrevistas, levar os entrevistados a explicarem e desenvolverem os pontos onde poderiam ser mais “descuidados”, por saberem que eu também conheço e vivenciei certos eventos, para que desta forma, quem leia as entrevistas consiga ter uma perspetiva clara e explícita daquilo que é enunciado.

Tendo em conta, que esta dissertação será oferecida à Sociedade de Instrução Tavadense, juntamente com todo o espólio que foi recolhido e digitalizado, considere importante, por questões éticas, fazer uma versão com algumas omissões de nomes e de situações, em algumas das transcrições feitas.

## Capítulo III – Sociedade de Instrução Tavadense – Um Breve Percorso Histórico

### 3.1 Da fundação ao fim da Escola da Noite

Tavarede foi desde sempre uma aldeia recheada de coletividades e de cultura. Mas “no final de 1903 tinham acabado por completo todas as associações em Tavarede.” (Medina, V., 2004:17). Com o fim das coletividades, termina também a escola noturna instalada na Casa do Terreiro, que funcionava desde 1898.

Para pôr fim a este período de crise, a Sociedade de Instrução Tavadense nasceu no dia 15 de janeiro de 1904, em Tavarede, aldeia do concelho da Figueira da Foz. Fundada por 14 homens do povo, como podemos ver pelas suas profissões: “2 pedreiros, 1 torneiro, 1 serralheiro, 1 carpinteiro, 3 cavadores, 1 ferreiro, 1 fogueiro, 1 guarda das oficinas do caminho de ferro, 1 canteiro, 1 tanoeiro e 1 comerciante” (Medina, V., 2004:24).



Figura 1 - Lista de sócios fundadores da SIT

Como é indicado na ata da fundação desta coletividade, o objetivo seria “fundar nesta localidade uma Sociedade de Instrução que sustente uma escola para ensino dos sócios que dela queiram utilizar-se, e para ensino dos filhos destes” (Medina, V., 2004:23).

Mais tarde, José da Silva Ribeiro afirmou que a Escola da Noite era, “uma escola noturna de instrução primária, com aulas gratuitas para adultos e menores. As respetivas despesas eram suportadas por um grupo de pessoas a quem preocupava o problema da instrução e educação do povo.” (Ribeiro, 1954, cit. por Medina, V., 2004:17). A imprensa

local dava conta da inauguração desta coletividade, como se pode ver no recorte do jornal “A Voz da Justiça”, de 31 de janeiro de 1904:

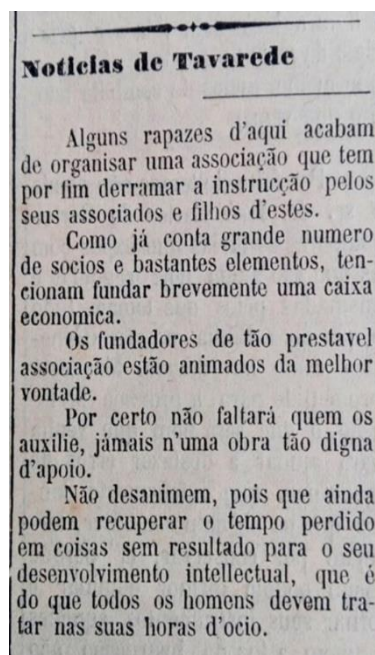


Figura 2 - Recorte de Jornal "A Voz da Justiça", 31 de janeiro de 1904

Esta coletividade nasceu, como vimos, assente nos ideais Republicanos que emergiam nesta altura. Uma das principais bandeiras da República era a instrução do povo, principalmente das classes populares que, nesta altura, tinham pouco acesso à educação. “*Ler, escrever e contar eram privilégios de uma minoria*” (Sousa, 2014:40). O acesso democrático à educação era uma ideia utópica nos dias que corriam, embora se tenham verificado algumas alterações neste campo, com a “*criação de mais estabelecimentos de ensino, que abriram as suas portas aos filhos de um grupo popular que detinha algum desafogo económico*” (Sousa, 2014:40).

Segundo Cascão (2009, cit. in Sousa, 2014:40), um dos maiores problemas, nos finais do século XIX, era a instrução dos operários, em grande número na Figueira da Foz. Esta era uma classe desprezada pelas autoridades locais e centrais. Em 1871, a Câmara Municipal da Figueira da Foz “*atendendo à necessidade premente dos trabalhadores da, então, vila da Figueira da Foz, deliberou que se abrisse um curso noturno de instrução primária [...] destinado a pessoas com mais de 10 anos, que não pudessem frequentá-lo durante o dia.*” (Cascão, 2009, cit. in Sousa, 2014:40). Apesar dos esforços feitos, no início do século XX, ainda eram muitos os analfabetos na Figueira da Foz, principalmente na população rural. Muitos trabalhavam nos campos de sol a sol, e com a pobreza, a

grande maioria tinha que deixar a escola para ajudar as suas famílias na agricultura e criação de gado. A educação era pouca, assim como a cultura. A maior parte dos homens e jovens passava o seu tempo livre nas tabernas, contribuindo desta forma para o analfabetismo da população, tal como se pode ler num excerto do jornal “A Voz da Justiça”, que *“atribuía a culpa desta situação unicamente aos pais, que em vez de encaminharem os seus filhos à escola preferiam que estes os acompanhassem às tabernas”* (Sousa, 2014:177). Já Costa Goodolphim dizia que este tipo de sociedades tivera origem nos Estados Unidos, em 1826, de forma a travar o aumento de pessoas com problemas de álcool (Goodolphim, 1876:6). Olhando para o caso do nosso país, afirmava que *“não há em geral grandes viciosos; entretanto, principalmente nas aldeias, bom seria tirar o costume ao homem de trabalho de passar as noites na taberna”* (Goodolphim, 1876:7).

Para contrariar o facto de o número de escolas e a sua qualidade serem notoriamente insuficientes para o número de crianças e jovens em idade escolar, começam a surgir, em meados do séc. XIX, *“escolas populares, localizadas em associações de instrução, recreativas, literárias, filarmónicas, de classe e mutualistas”* (Sousa, 2014:42). Estas escolas foram inauguradas tendo como mote principal a educação e o ensino. Ensinavam as primeiras letras a crianças e adultos, e as aulas eram ministradas maioritariamente em horário noturno, atentando, como apresentado anteriormente, a que a maior parte dos estudantes já trabalhavam, e este seria o horário melhor para a sua frequência da escola.

O objetivo da instrução foi logo posto em prática e, no mês seguinte à inauguração da coletividade, as aulas noturnas já contavam com *“vinte e cinco a trinta alunos”* (Medina, V., 2004:24). Também “A Voz da Justiça”, jornal local, dava conta desta situação *“Na escola nocturna da sociedade d’instrucção, que tem uma frequênciã de 25 a 30 alumnos, está-se já encinando pelo methodo João de Deus.”* (A Voz da Justiça, 21 de fevereiro de 1904). As aulas noturnas são conhecidas pela comunidade local como “escola da noite” e, além dela, a SIT passou a contar com o ensino de música e de desenho e, também, de ginástica, sendo que *“outro dos objetivos era dar seguimento à velha tradição teatral da nossa terra”* (Medina, V., 2004:24), servindo como complemento de educação e de instrução. *“Apesar das aulas serem creadas para os filhos de sócios, são ali admitidas creanças muito pobres e órfãos a quem não só se ministra a intrucção, mas são-lhe fornecidos os livros precisos.”* (A Voz da Justiça, 18 de janeiro de 1906).

As aulas eram dadas por pessoas da terra. Aqueles a quem os alunos chamavam de professores, muitas vezes eram bastante mais novos do que eles e até familiares. Durante alguns anos, Manuel Lontro, teve como professor o seu irmão mais velho, Benjamim Lontro, *“Então quem eu já apanhei na classe mais adiantada foi o senhor professor Benjamim Lontro. Tinha 6 anos.”* (Manuel Lontro).

Os professores desta escola eram, todos eles, voluntários. Motivados pela vontade de querer ajudar a sua comunidade a crescer, conjugavam as suas profissões, com a atividade de ensinar e instruir durante a noite. Como se pode ler no livro *Leitura e Ideologia Republicana: As Escolas e Bibliotecas Populares*, *“pessoas não formadas, que tinham aprendido a ler, escrever e contar e efetuar operações aritméticas elementares, tinham profissões dispares, faziam este trabalho por amor à coletividade e ao povo analfabeto”* (Sousa, 2014:183).

Manuel Lontro descreve, durante a sua entrevista, o lugar onde a Escola da Noite tinha lugar *“naquela sala onde é agora o Bar, havia uma parede... Que dividia aquela sala do bar para aquela onde está a televisão. No lado de cá onde é o bar aprendíamos as primeiras letras, depois quando já era na segunda e na terceira já passávamos... para a outra sala”* (Manuel Lontro).

A Escola da Noite foi, desde o início, subsidiada por beneméritos, que faziam ofertas, fosse de material, ou de valores monetários, e pelo grupo cénico, que foi criado nesta instituição e que se mantém ativo até aos dias de hoje.

Também com a fundação da Escola da Noite, foi inaugurada na SIT uma biblioteca, que ainda existe. Apesar de algumas mudanças de lugar ao longo dos anos, a biblioteca, agora com o nome de Fernando da Silva Ribeiro, professor na escola e também participante no teatro da coletividade, guarda vários livros e documentos desde a fundação da coletividade.

Na sua génese esta biblioteca armazenava principalmente livros de história e romances, destinados à leitura por parte dos seus sócios, dos estudantes da Escola da Noite e também dos participantes nas peças de teatro (Sousa, 2014:220). Numa entrevista feita por Maria Isabel Sousa, em 2012, a Manuel Lontro, foi possível perceber que este era um sítio bastante frequentado e, apesar de funcionar apenas uma vez por semana, tinha cerca de *“30 leitores...mais mulheres”* (idem). Além dos livros, a biblioteca tinha os

jornais semanais e também diários para que os seus sócios pudessem consultar (Sousa, 2014:221).

Esta foi mais uma maneira dos fundadores da SIT fazerem valer os seus ideais republicanos, assumindo que a “*educação passava, também pela leitura e que esta lhes [associados e habitantes da terra] conferiria a consciência cívica da qual necessitavam*” (Sousa, 2014:220).

Esta escola fecha as portas em 1942, devido às imposições do Estado Novo. Para a escola poder continuar a funcionar, os livros deveriam ser oficiais, os livros únicos do Ministério da Educação, e os professores deveriam ser formados (Sousa, 2014:183). Como sabemos, a Escola da Noite sempre viveu das receitas das apresentações de teatro e dos contributos dos beneméritos, dinheiro este que não chegava para pagar um professor formado, como o governo impunha. O facto de esta sempre ter funcionado de “*forma autónoma, liberal, democrática, republicana, laica e de influência maçónica*” (idem), fez com o que os diretores da SIT não quisessem continuar com a escola segundo os modelos que o Estado Novo queria estabelecia. A 6 de abril de 1942, como nos conta Medina (2004), foi enviada uma carta ao Comissário Adjunto da Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, por José da Silva Ribeiro:

Durante mais de 30 anos esta colectividade manteve a sua escola nocturna, especialmente, frequentada por adultos e na qual se ministrava o ensino das primeiras letras, ensinando-se a ler, escrever e contar. O seu fim era reduzir o número de analfabetos que, por trabalharem durante o dia, só à noite podiam frequentar a escola. Felizmente, com o decorrer dos anos, pode hoje quase dizer-se que não há analfabetos nesta localidade. E como as crianças em idade escolar frequentam as escolas primárias oficiais diurnas que funcionam nesta freguesia, a frequência da nossa escola nocturna foi diminuindo. Presentemente esta escola já não funciona. A carta de que se faz transcrição foi escrita e assinada pelo presidente da Assembleia Geral, José da Silva Ribeiro. (p.30-31).

Desta forma, tão digna e ao mesmo tempo tão, profundamente, injusta, a Escola da Noite termina as suas atividades. Restando apenas poucas memórias físicas desta excelente iniciativa que tanto contributo teve para a mudança do rumo da alfabetização em Tavarede, e para a melhoria das condições de vida do povo desta terra. Restam, apenas, segundo Manuel Lontro, 3 ou 4 pessoas que nos podem contar as vivências reais desta época.

### 3.2 Da Sede e do Grupo Cénico

O teatro era já uma verdadeira tradição em Tavarede “o grupo cénico para dar espetáculos teatrais – não constituíam novidade em Tavarede, não eram uma inovação: poder-se-ia dizer até que vinham continuar uma obra simplesmente interrompida. Havia uma tradição...” (Medina, V., 2004:15), “havia sociedades instrutivas e recreativas. Pequenas digamos, mesmo familiares, espalharam-se por toda a aldeia.” (Medina, V., 2004:17). Ernesto Fernandes Tomás escreveu, em 1896, sobre uma visita que tinha feito a Tavarede, em 1865, dizendo que “as sociedades dramáticas vegetavam em Tavarede como tortulhos” (idem).

A sede da Sociedade de Instrução Tavaredense foi instalada na antiga Casa de Ourão, que pertencia a João dos Santos. (Medina, V., 2004:26), sendo que, ao longo dos anos, foi sofrendo diversos melhoramentos. Manuel Lontro recorda que “um dos momentos marcantes, para mim, para a coletividade...foi a fase da remodelação da sede. Quando a sede antiga...já era um sonho antigo ampliar a sede, porque aquilo já não correspondia, era uma plateiazita, pequenita, bancos corridos, com os camarotes lá em cima” (Manuel Lontro).

Antes das obras que sofreu entre 1957 e 1965, a sala era bem diferente daquilo que é hoje, como Ilda Simões refere durante a sua



Figura 4 - Sede da SIT antes da requalificação



Figura 3 - Sede da SIT após requalificação

entrevista “O teatro era o teatro antigo, tinha a plateia e tinha os camarotes” (Ilda Simões). O projeto de ampliação da casa foi feito pelo arquiteto Isaías Cardoso e previa

um total de 400 lugares, que correspondia ao dobro daqueles que existiam na altura (Medina, V., 2004:34). Outro dos grandes objetivos era a substituição do telhado e a compra de novo material para a realização de espetáculos, que já na altura exigiam que fosse de qualidade.

A atividade do grupo cénico foi fundamental, e através de um grande número de espetáculos por todo o concelho, conseguiram angariar uma quantia considerável. As obras e a ampliação da sede foram feitas, como sempre, com um largo apoio dos seus sócios e simpatizantes e, através da “Campanha de Angariação de Tijolos”, todos podiam contribuir com aquilo que tinham. *“A construção da sede, parte daquilo...a mão de obra, materiais, foi tudo à borla. E como o Zé Ribeiro tinha uma grande...tinha muitos conhecimentos no concelho todo e fez-se um peditório, uma circular, a circular pelo concelho todo”* (Manuel Lontro), conta-nos Manuel Lontro, dizendo que

“a colaboração, a aderência, foi tal...muitos davam dinheiro, conforme podiam, quem não podia dar dinheiro, por exemplo, ali na zona de Quiaios [...] davam pinheiros, “dou 2,3,4 pinheiros”, então o Carlos Pinto tinha a facilidade de arranjar um transporte aos fins de semana, vinha uma camioneta grande, e então aos domingos íamos, eu fui mais que uma vez, para a encosta da serra, eu não conhecia aquilo, levávamos pessoas com serrotes, cortávamos pinheiros que eram de fulano, íamos cortar mais dois que eram de sicrano, carregávamos os pinheiros todos em toros, eram levados para a serração do Alberto Gaspar, pinheiros em bruto, e depois o Alberto Gaspar fazia-nos a compensação dessa madeira já serrada, pronta a aplicar.” (Manuel Lontro).

Além deste magnífico movimento criado pelas pessoas, sendo que algumas delas nem eram da terra,

“fez-se a subscrição de 20 letras, ou 25 letras, de 10 contos cada uma, salvo o erro. Então as pessoas ficavam com as letras, sem juros, isso é que é importante, as pessoas aceitavam as letras, pessoas amigas, sem compromisso de serem reembolsadas, sem juros, só havia um compromisso da coletividade, era todos os anos, havia 20 letras e eram todas numeradas, e havia só uma obrigação que a direção tinha, que era pagar o juro estipulado, mas que ninguém queria receber, acho que nunca ninguém recebia juros” (Manuel Lontro).

Como se pode ler no recorte de jornal apresentado, eram diversos aqueles que consideraram a atividade da SIT fundamental para a aldeia e para todo o concelho da Figueira da Foz. *“Um agrupamento como este, que se dedicou ao teatro de alma e coração, tem absoluta necessidade e vantagem na posse de uma sala ampla, de sonoridade acústica e com certo conforto, não só para a difícil arte de ensaiar, mas também para receber os seus incontáveis admiradores.”* (Noticias da Figueira, 23 de março de 1957).

Outro dos fatores que ajudou bastante na execução e nos términos da obra de requalificação da sede, foi a atribuição, por parte da Fundação Calouste Gulbenkian, de um subsídio de 260 contos. Como se pode ler na notícia dada pelo Diário de Coimbra, no dia 12 de abril de 1960:

**Um valioso subsídio  
DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN  
para o Teatro da Sociedade  
de Instrução Tavadense**

FIGUEIRA DA FOZ, 11 — A ampliação da sede da Sociedade de Instrução Tavadense — a velha e simpática colectividade de Tavadense, cuja obra de cultura popular através do teatro e de beneficência é bem conhecida —, vai transformar-se do sonho de há muitos anos, em realidade, graças á benemérita Fundação Gulbenkian, que, considerando devidamente a exposição que lhe foi dirigida, concedeu para estas importantes obras o valioso subsídio de 260 contos, em duas prestações de 130 contos, sendo a primeira desde já, e a segunda em 1961.

Como era de calcular, a notícia foi recebida no sábado, na vizinha freguesia de Tavadense com verdadeiro alvoroço e entusiasmo pelos seus habitantes e desse contentamento resultou estrealjarem foguetes durante o dia e á noite a fachada da popular Sociedade, apareceu embandeirada e a sede encheu-se de povo que deu largas á sua alegria e toda a população rejubilou com o acontecimento provocado pela resolução feliz da benemérita «Fundação Gulbenkian». — (C.).

Figura 6 - Recorte de Jornal "Diário de Coimbra" de 12 de abril de 1960

TORRE DE VIGIA... Notícias da Figueira 23-3-1957

**TAVAREDE**  
**e o seu Grupo de amadores**

Por Alvaro de Vila Verde

As pessoas amigas do progresso e do bom nome da Figueira e arredores, têm agora uma oportunidade simpática de fazer valer os seus méritos, concorrendo para que a prestigiosa Sociedade de Instrução Tavadense venha a ter uma condigna sede, que substitua o edificio tacaño em que debuta.

Este valioso Grupo, que correu muitas terras importantes do País, na filantrópica missão de quem tem alma nos estatutos, bem merece olhar agora por si, e criar um todo-nada de egoísmo, tão necessário á consecução de tão útil obra.

S. Martinho, que era Santo e teve um dia festejado, usava dar metade da sotaina negra ao primeiro infeliz que topasse no caminho de Deus, que calcuriou com ásperos sacrificios, mas com muitas e boas vitórias espirituais... O que ele não usava dar, era mais do que a metade, pois o seu clarividente engenheiro mostrava como remédio do frio intenso que soprava.

Pois, os Amadores de Tavadense têm que olhar pela sua metade. Conservá-la também, para que o frio e a chuva não caiam amanhã do tecto velhinho da sede actual e pingnem o soalho e o proscénio.

Um agrupamento como este, que se dedica ao teatro de alma e coração, tem absoluta necessidade e vantagem na posse de uma sala ampla, de sonoridade acústica e com certo conforto, não só para a difícil arte de ensaiar, mas também para receber os seus incontáveis admiradores.

E, já que falámos em proscénio, ousamos meter a cabeça no pano de boca e gritar ás pessoas amigas da Figueira e arredores que Tavadense pertence ao nosso concelho e não está distante. Quem desejar ver o que é o acanhado edificio da Sociedade de Instrução Tavadense, não se cansará muito. E de caminho, bem pode oferecer o que lhe aprouver para que o célebre elenco de Amadores melhore as condições de vida e possa continuar na elevada missão de levar o nome da nossa cidade aos quatro cantos de Portugal.

Ninguém nos encomendou o sermão e o que se pede que não seja levado á conta de estender a mão nervosa á caridade pública. Aliás, a Sociedade de Instrução Tavadense não carece de esmolas, mas sim do concurso voluntário de boas e desinteressadas amizades.

Figura 5 - Recorte de Jornal "Notícias da Figueira" de 23 de março de 1957

Ainda sobre as obras e ampliação do espaço do teatro, considero importante referenciar uma das pequenas vivências que Manuel Lontro enunciou sobre este momento:

“Quando é das obras, o palco é ampliado, era pequenito, era um palco velho, e o palco é feito todo de novo. E é nessa altura que andamos a arrancar as tábuas do palco velho, que a Violinda manifesta o desejo de umas tábuas [...] que era para o caixão.” (Manuel Lontro).

Este momento é referenciado por Jorge Monteiro de Sousa, no seu depoimento para o livro comemorativo dos 100 da SIT:

“Há outro acontecimento que nunca irei esquecer. Quando comecei a desmontar o palco, para as obras da nova sede, a sr<sup>a</sup>. D. Violinda Medina pediu-me que lhe guardasse algumas tábuas. Assim fiz e guardei-as, durante muitos anos, com todo o respeito que aquela senhora me merecia. Quando morreu, entreguei as tábuas, que meteram no seu caixão, debaixo do corpo. Impressionou-me muito.” (Medina, V., 2004:146).

O acontecimento foi também relatado no jornal “O Primeiro de Janeiro”, como podemos ler no seguinte recorte:

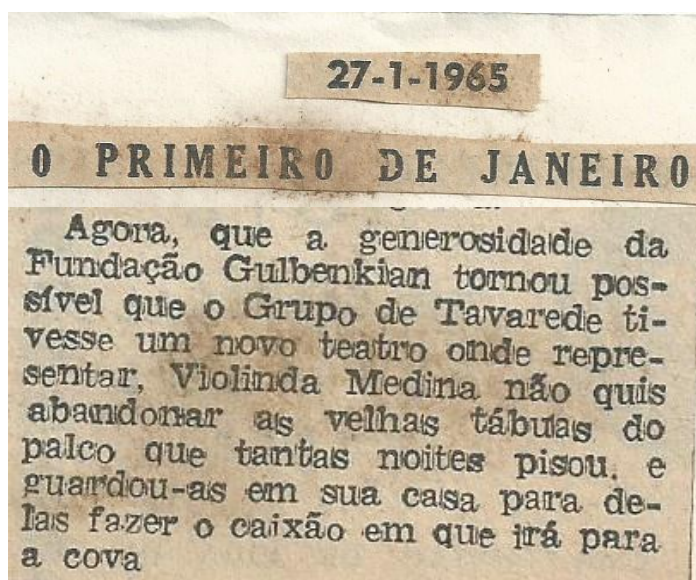


Figura 7 - Recorte de Jornal "O Primeiro de Janeiro" de 27 de janeiro de 1965

Apesar das obras ainda não estarem concluídas, em 1961, a sala de espetáculos foi inaugurada, com a representação da peça A Terra do Limonete.

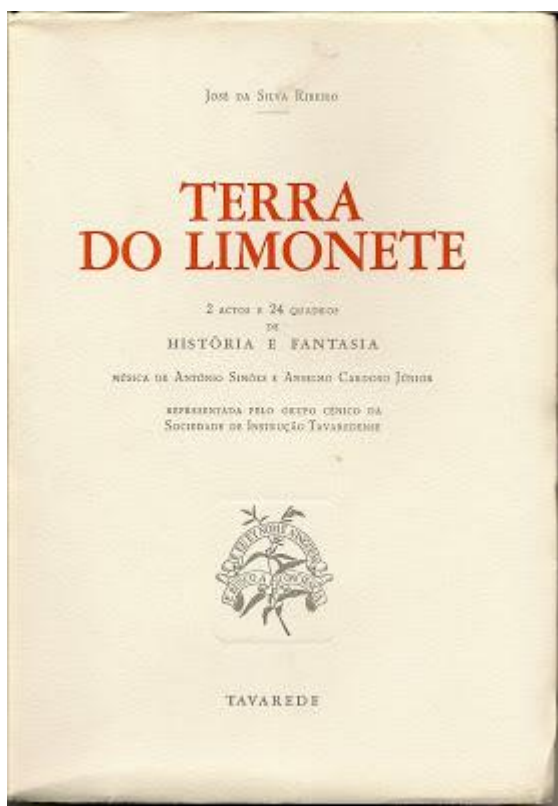


Figura 9 - Livro da peça "Terra do Limonete" de José da Silva Ribeiro



Figura 8 - Um dos quadros da peça "Terra de Limonete"

Peça esta bastante aclamada, como nos diz Ilda Simões, que participou na mesma “*entrei na Terra do Limonete, que foi um êxito, esteve um ano em palco*” (Ilda Simões).

A

“Direção, em perfeita concordância com o Diretor do Grupo Cénico, que seria um grande erro dispor desde já de um excelente Teatro e não o utilizar, à espera que se conclua, noutras dependências da sede, obras cuja realização a falta de recursos não permitia encarar imediatamente. E assim, reconhecida por todos a conveniência de o grupo cénico retomar tão depressa quanto possível a sua atividade, interrompida há um longo ano” (Medina, V., 2004:36),

para que através do mesmo se conseguissem angariar mais fundos para terminar as obras que decorriam na sede. Só a 8 de maio de 1965 é que a SIT viu, com toda a solenidade, a sua nova sede e as respetivas obras serem inauguradas.

Foi durante o decorrer das obras da sede, em 1959, que a Sociedade de Instrução Tavadense viveu um dos momentos mais felizes e marcantes com o seu grupo cénico.



Figura 10 - "Os Velhos" em 1959 - cena da ceia, 3ºato

Contra a vontade do encenador, José da Silva Ribeiro, a Direção da coletividade decide inscrever-se no Concurso de Arte Dramática das Coletividades de Cultura e Recreio promovido pelo Secretariado Nacional da Informação - SNI. José da Silva Ribeiro era totalmente contra o regime de Salazar, e usava o teatro como “arma” contra o mesmo. A sua posição de não participar neste concurso devia-se a isso mesmo.

## OS VELHOS

«Os velhos», de João da Câmara

pela Sociedade de Instrução Tavadense

Com a apresentação, ontem, no Trindade, da peça «Os Velhos», de D. João da Câmara, levada à cena pela Sociedade de Instrução Tavadense no âmbito da fase final do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio promovido pelo S. N. I., voltamos atrás uns bons 70 anos e assistimos a uma peça caduca vivida num estilo igualmente antiquado.

«Os Velhos» é uma obra talvez simpática mas que não consegue elevar-se do seu ruralismo acanhado e se limita a uma narrativa de valor mais ou menos etnográfico.

O mesmo valor etnográfico representa a Sociedade Instrução Tavadense, que há mais de quarenta anos mantém em actividade constante o seu grupo de teatro. E Tavadense, a poucos quilómetros da Figueira da Foz, é uma das mais pobres freguesias do concelho, com pouco mais de 500 habitantes e cerca de 140 fogos, podendo, por isso, dizer-se que uma grande parte da população tavadense tem passado pelo teatro.

A sua vontade de fazer teatro e libertar uma população laboriosa que vive naturalmente apertada no seu ruralismo, é mais do lou-

vável, meros programas de que se tem servido, à excepção de Gil Vicente e de Garrett, não nos parecem ser os melhores veículos para esta acção de cultura que, por ser única, é especialmente responsável. — Necessário seria portanto dar a este grupo as possibilidades de aprofundar o seu gosto e ampliar os seus meios.

De elogiar a presença pura e simples deste grupo na fase final deste concurso.

J. E. S.

## OS «VELHOS», de D. João da Câmara, por aldeões de Tavadere, ontem, no Trindade

A Sociedade de Instrução Tavadense levou ao palco do Trindade toda a frescura dessa maravilhosa agurela que é «Os Velhos». Gente da mais pobre das freguesias do concelho da Figueira da Foz, gente de uma aldeia de cavadores e operários que arde na paixão do teatro, pois não há uma pessoa de cada uma das escassas famílias da terra que não tenha feito parte do grupo cénico. Advinha-se, portanto, o sabor que teve esta representação, integrada no Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio, da iniciativa do S. N. I., o qual está a despertar, muito justamente, o maior interesse ao público a avallar pelo crescente número de espectadores que se regista cada noite.

Ontem a sala oferecia um belo aspecto e foi numa atmosfera de carinho que decorreu a apresentação da popular obra de D. João da Câmara, certamente aquela que o tempo mais envelheceu. Não que esteja ultrapassada pelo seu conflito, mas pela técnica e, principalmente, pela sua longa e esticada monótona. Acentue-se, todavia, que os amadores de Tavadere se houveram galhadamente, transmitindo-nos aquele ingenuo encanto, aquela saborosa teia naturalista, em que não faltam alguns apontamentos de bom humor sobriamente observados e criticados. Ditas salvas de palmas interromperam a representação do último acto em momentos magistrais, tão singelos, tão pitorescos, que pareciam arrancados à própria vida.

Subiram mais alto esses aplausos no final, envolvendo intérpretes e encenador, sendo lícito salientar entre aqueles António Jorge da Silva (que roubou as melhores gargalhadas durante a cena da ceia), João da Silva Cascaço e Maria Isabel de Oliveira Reis, plena de frescura e graça. Apontemos ainda os nomes dos outros artistas merecedores de referência: Fernando Severino dos Reis, João Rodrigues Medina, João de Oliveira Júnior, Violinda Medina e Silva, Maria Teresa de Oliveira e Helena Rodrigues Medina.

O espectáculo teve a presença do sr. dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação. — A. F.

## O FESTIVAL DE TEATRO DE AMADORES NO TRINDADE

Quando começou, no Trindade, este Festival de Teatro de Amadores—pois assim se pode chamar à fase final do concurso em boa hora promovido no S. N. I.—poucos seriam capazes de imaginar que os espectáculos se iriam revelar de tamanho interesse. Tantas vezes e tão injustamente menosprezados, quando não ridiculizados, os «amadores dramáticos» estão a afirmar no palco do Trindade uma presença magnífica, que os honra e dignifica. O público, por seu turno, ocorreu vivamente interessado e deu ao certame, com enchesse consecutivas, a moldura que melhor o valoriza. Vimos, antontem, esse mesmo público, de pé, aplaudir calorosamente a notável realização de «Trá-Mars» pelo Grupo de Teatro Miguel Leitão. Oração de todo o ponto merecida, conforme assinalámos na notícia do espectáculo, pois os amadores de Leitão revelaram, desde a escolha da peça até à versão que dela nos deram, consciência e maturidade inulgaras. A sua actuação foi brilhante—diga-se sem favor—e ficou como demonstração firme dos resultados a que podem chegar os núcleos regionais de teatro quando, como neste caso, são orientados com inteligência e servidos por vocações plenas de entusiasmo e boa vontade.

A meio do Festival de Teatro de Amadores pode escrever-se já que estamos perante um êxito. Aguardemos as restantes apresentações, com a certeza de que nos trarão novos motivos para lutar a iniciativa.

### A representação de «Os Velhos» pelos amadores de Tavadere

A portuguesíssima e encantadora comédia de D. João da Câmara «Os Velhos» foi a peça escolhida pela Sociedade de Instrução Tavadense para a apresentação do seu grupo cénico ao Concurso de Arte Dramática organizado pelo S. N. I. Os costumes aldeões, o ambiente rustico, os personagens, modelados com perfeito humanismo, que sentem e pensam como «povo», foram expressivamente caracterizados pelo grupo de Tavadere (concelho da Figueira da Foz), pequena aldeia de 500 habitantes, cavadores e operários, cuja actividade cultural se mantém há mais de 40 anos, dando teatro ao povo da sua terra, falando-lhe de teatro em institutivas palestras, procurando interessá-lo pelo teatro. E o êxito da sua acção foi ontem comprovado na prova final com a representação de «Os Velhos», em cuja realização intervieram, com sobriedade notável e perfeita consciência teatral, João da Silva (Patanas), Fernando Gervásio dos Reis (o Prior), António Jorge da Silva (Benito) João Rodrigues Medina (Porfirio), João de Oliveira Júnior (Júlio), Teolinda Medina e Silva (Emília), Maria Teresa de Oliveira (Ana), Helena Medina (Narcisa) e Maria Isabel de Oliveira Reis (Emília). Os aplausos do público, cuja concorrência é cada vez mais avultada, não só nos finais dos actos, como no decurso de algumas cenas, foram a consagração do prestígio da Sociedade de Instrução Tavadense.

Figura 11 - Vários recortes de jornal referentes à participação da SIT no Concurso de Arte Dramática

O grupo cénico apresentou a concurso duas peças, Frei Luís de Sousa e Os Velhos, nas categorias de drama e comédia, respetivamente. Foi com Os Velhos que o grupo cénico foi selecionado para as provas finais, a serem prestadas no Teatro Trindade, em Lisboa.

"A VOZ" 24/9/959

**TEATRO DE AMADORES**

**Sociedade de Instrução Tavadense**

**Comédia «Os velhos»**

Tavaredo, nos arredores da Figueira da Foz, tem tradições no teatro de amadores. No palco do Trindade demonstrou-o bem, com a sua interpretação da comédia de D. João da Câmara.

A graça e o espírito do autor encontraram nos amadores de Tavaredo uma perfeita compreensão.

Um grupo de velhos que se zangam, se querem, riem e vivem alegres, gostam de comer e beber, recordando com emoção a sua juventude. A fazer-lhes esquecer os anos, uma neta de vinte anos graciosa como uma flor, alegre como a água do ribeiro.

O velho prior com a sua preocupação de casar um sobrinho; o Manuel Patacas querendo à sua neta mais do que à vida; Bento, o barbeiro da aldeia; Porfírio, mestre-escola; e as velhas Emília, Ana e Narcisca, encheram de boa disposição o espírito do público.

Seria para nós agradável um longo comentário à peça, ao autor e aos intérpretes. O espaço não o permite e esta maratona de teatro parece que nos reserva boas surpresas.

No entanto, esta representação de «Os Velhos» fica-nos na memória. De entre o grupo ligado e bem estruturado destacamos Fernando Severino («Prior»), Jorge da Silva («Bento») e Maria Isabel de Oliveira («Emília»). Para todos os outros aplausos sinceros pela excelente noite de teatro de amadores que nos proporcionaram.

J. R.

"DIÁRIO ILUSTRADO" - 23/9/959

**CONCURSO DE TEATRO AMADOR**

**«OS VELHOS»**

**DE D. JOÃO DA CÂMARA**

**PELA SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO TAVARENSE**

Na categoria B (comédia) prestou ontem à noite as suas provas finais a Sociedade de Instrução Tavadense, que escolheu «Os Velhos», de D. João da Câmara.

Antes de entrar propriamente na apreciação do espectáculo convém dizer que Tavaredo é a sede da mais pobre das freguesias do concelho da Figueira da Foz, com cerca de 140 fogos e apenas 500 habitantes. Trata-se duma pequena aldeia de lavradores e operários onde não há uma família onde alguém não tenha sido actor, no grupo dramático que exerce a sua actividade há mais de quarenta anos de espectáculos renovados.

Dentro deste condicionalismo torna-se necessário encarar o trabalho do grupo de Tavaredo de dois pontos de vista divergentes: por um lado cumpridos elogiar a sobrevivência ao longo de quarenta anos duma tradição teatral, num remoto canto da nossa provincia, sem recursos nem humanos nem financeiros e que apesar de tudo ainda conseguiu fazer mais do que seria de esperar; mas, por outro, o conjunto não se mostra nem à altura duma final nacional, em que outros bem melhores ficaram inexplicavelmente para trás, nem à altura do diálogo vivo e de sensibilidade de D. João da Câmara, porque não basta ser simples para saber representar aquilo que o é.

Devido, talvez, à tal falta de recursos humanos, o elenco prima pelo desequilíbrio — enquanto João Casão («Patacas»), António Jorge da Silva («Vento») e João Oliveira Junior («Porfírio») nos deram construções equilibradas de três dos velhos, gostámos menos de Fernando dos Reis («Prior») e muito menos de João Oliveira Junior, que nos deu um «Júlio» sem qualquer espécie de naturalidade, sem um mínimo de facultades.

A parte feminina, embora não tenha conseguido atingir o acerto dos três primeiros, tem, pelo menos, o mérito do equilíbrio; sem distinção, apontaremos as interpretações, sem rasgos, de Violinda Medina e Silva («Emília»), Maria T. de Oliveira («Ana»), Helena Medina («Narcisca») e Maria Isabel de Oliveira Reis («Emília»).

Em resumo: uma representação certíssima para Tavaredo.

B. M.

REPUBLICA 22/9/959

**O Grupo Dramático da Sociedade Instrução Tavadense, apresenta-se hoje ao Concurso de Teatro com a peça «Os Velhos»**

No prosseguimento da fase final do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio, exhibe-se esta noite, pelas 21.30, no Teatro da Trindade, o Grupo Dramático da Sociedade de Instrução Tavadense. Apresentam-se com a comédia de D. João da Câmara «Os Velhos». São seus intérpretes João da Silva Casão, Fernando Severino dos Reis, António Jorge da Silva, João de Oliveira Júnior, Violinda Medina e Silva, Maria Teresa de Oliveira, Helena Rodrigues Medina, Maria Isabel de Oliveira Reis.

O Tavadense é, de há muito, um dos nossos grupos dramáticos mais notáveis em todo o País, conseguindo impôr-se em todas as suas exhibições. Dirige-o o nosso prezado amigo sr. José Ribeiro, homem de notável cultura e extraordinário apurmo moral.

"JORNAL DE SINTRA" 20/9/959

**Teatro e Cinema**

**O Concurso de Arte Dramática promovido pelo S. N. I.**

Entre os dias 20 e 28 do corrente realizar-se-ão no Teatro da Trindade, em Lisboa, as provas finais do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio promovido pelo S. N. I.

Está já elaborado o seguinte calendário:

Dia 20, às 15.30, Centro de Desporto e Recreio do Pessoal dos C. T. T., de Lisboa, peça «Uma mulher que veio de Londres»; às 21.30, Clube Estefânia, Lisboa, peça «O Senhor Roubado»; dia 21, às 21.30, Grupo de Teatro, Miguel Leitão, Leiria, peça «Tá-Mara»; dia 22, às 21.30, Sociedade de Instrução Tavadense, Tavaredo, Figueira da Foz, peça «Os Velhos»; dia 23, às 21.30, Sociedade Recreativa e Dramática Eborense, Évora, peça «O Caso do Chico Enjeitado»; dia 24, às 21.30, Centro Ramalho Ortigão, Porto, peça «Antigona»; dia 25, às 21.30, Associação Recreativa Aurora da Liberdade, Matosinhos, Leça, peça «O fogo nasceu na neve»; dia 26, às 15.30, Grupo «Os Modestos», Porto, peça «Os Velhos»; às 21.30, Grupo Dramático «Os Plebeus Avintenses», Avintes, Gaia, peça «Os Campinos»; dia 27, às 15.30, Clube Fraternidade Recreativo, Portimão, peça «Fogo de Vista»; às 21.30, Clube Popular de Faro, Faro, peça «Prémio Nobel»; dia 28, às 21.30, Circulo Cultural do Algarve, Faro, peça «Castro».

Figura 12 – Vários recortes de jornal referente à prestação da SIT no Concurso de Arte Dramática

Vários foram os que pela primeira vez saíram da sua aldeia para ir ver a SIT a representar em palcos lisboetas. Muitas foram as notícias sobre o grupo cénico, o que deu uma visibilidade e conhecimento sobre a casa e os amadores que nunca antes estes tinham sentido.

Só três meses depois, em dezembro de 1959, é que os vencedores foram anunciados. A Sociedade de Instrução Tavadense obteve as seguintes classificações, atribuídas pelo júri do concurso (Medina, V., 2004:35):

Prémio Francisco Taborda – para a coletividade (2ª classificada na categoria B – Comédia, com Os Velhos);

Prémio Carlos Santos – para o Encenador (na comédia Os Velhos);

Prémio Maria Matos – para a amadora Violinda Medina e Silva (melhor interpretação feminina – comédia Os Velhos);

Prémio Chaby Pinheiro – para o amador António Jorge da Silva (melhor interpretação masculina – comédia Os Velhos);

Menção Honrosa – para o amador João da Silva Cascão (pela interpretação em Os Velhos);

Menção Honrosa – para o ensaiador José da Silva Ribeiro (pela encenação da peça Frei Luís de Sousa).



Figura 13 - Diplomas ganhos no Concurso de Arte Dramática

Com este longo percurso do grupo cénico também o espólio a nível de cenografia foi aumentando. Cenários pintados à mão, ilustrando edifícios, vivências e culturas de Tavarede. Adereços construídos de propósito para colocar cenas de época. Vestuário de todas as épocas, feitos à mão, com toda a dedicação.

O valor deste espólio é incalculável, tanto a nível monetário, como a nível histórico.



Figura 15 - Cenário da aldeia de Tavarede



Figura 14 - Cenário da Igreja de Tavarede

### 3.3 Do pavilhão

A construção do pavilhão gimnodesportivo estava planeada há alguns anos, mas só 1975, como o apoio dos sócios e simpatizantes da coletividade, a Direção conseguiu tornar esta vontade numa realidade. O apoio monetário e braçal para erguer aquele que, até hoje, continua a ser um dos espaços mais polivalentes daquela casa, foi fundamental.

Projetado pelo consócio José Fernandes dos Santos com o objetivo de realizar festas, bailes, atividades desportivas, este foi um projeto bastante complicado a nível de burocracias, que se arrastou no tempo. Em 1976, aquando da visita do Secretário de Estado da Juventude e dos Desportos, Dr. Joaquim Barros de Sousa, e da Senhora Presidente da Câmara da Figueira da Foz, Dr<sup>a</sup>

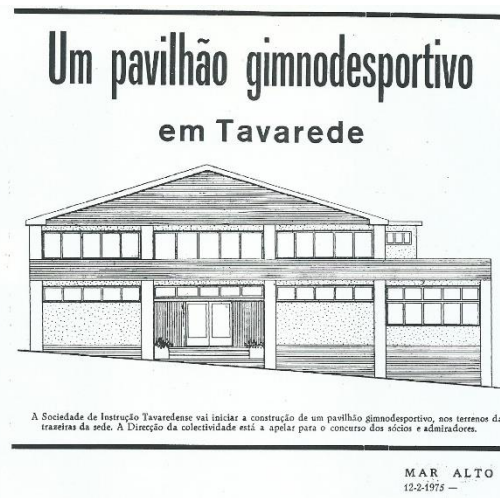


Figura 16 - Recorte de Jornal "Mar Alto" de 12 de fevereiro de 1975

Maria Judite Pinto Mendes de Abreu, ambos “*ficaram bastante admirados como era possível, numa terra tão pequena e pobre, fazer tal obra com os olhos postos na educação física dos nossos filhos*” (Medina, V., 2004:40).

Viajando bastante no tempo, até 1993, dá-se outro dos momentos altos desta coletividade que, pela primeira vez, viajou para fora do país, até França, com a peça Tá Mar. João Miguel Amorim refere que foi, “*a minha primeira peça a sério, o Tá Mar, que fez com que eu fosse a França*” (João Miguel Amorim), permitindo-lhe e a outros viajarem pela primeira vez para fora do seu país.

“Procurámos ultrapassar fronteiras e conseguimos. Pela primeira vez a SIT esteve representada em França, onde teve uma das suas mais brilhantes atuações com esta peça (Tá Mar). Houve da parte de todos – amadores, carpinteiros, ponto, contra-regra, costureira e muitos amigos da SIT – o maior empenhamento na tarefa de levar a bom termo esta atividade. Pensamos que foi deveras gratificante para todos e sobretudo para esta Coletividade levar o bom nome da nossa terra para além fronteiras...” (Medina, V., 2004:43).

Manuel Lontro também conta que a primeira vez que saiu da sua pequena aldeia foi o com teatro, “*a primeira vez que eu saí da terra, foi com o teatro, acho que foi a Tomar, foi a primeira vez que eu saí!*” (Manuel Lontro), mostrando com estes dois exemplos a importância que a coletividade teve no alargamento de fronteiras tanto físicas,



Figura 17- Grupo Cénico em Tomar

como intelectuais, dando a possibilidade aos seus amadores e colaboradores de contactarem com outras realidades.

### 3.4 Outras atividades

Além da Escola da Noite e do teatro, que são as duas principais atividades da Sociedade de Instrução Tavadense, ao longo dos anos a coletividade foi diversificando a sua atividade.

Em diversos momentos na vida desta coletividade houve palestras, abertas à comunidade, com o objetivo de, através destas, a população mais pobre e iletrada ter acesso a informação e conhecimento de coisas que de outra maneira não seria possível. Com diferentes oradores e temáticas estas palestras tentavam ir ao encontro de alguns dos assuntos pertinentes na época e para o próprio povo. Entre 1914 e 2002, temas como “Alcoolismo”, “Formas de Governo”, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (Dr. José Gomes Cruz -1914), “Origens e Evolução do Teatro” (José da Silva Ribeiro – 1944), Teatro Português (José da Silva Ribeiro – 1945), “A Sociedade de Instrução Tavadense como instituição de Cultura e Educação Popular (José da Silva Ribeiro – 1954), “Pesticidas: seus perigos e escolha” (Engenheiro Picado – 1983), “O Dia Mundial do Teatro! (Dr. António Gomes Marques – 1993), “O Teatro Vicentino” (Prof. Dr. José Augusto C. Bernardes), entre muitos outros.

Entre 2007 e 2015, funcionou nas instalações da coletividade o Grupo Coral “Cantigas de Tavadede” que, pelas mãos do Maestro João Cascão, resgatou algumas das músicas mais conhecidas e emblemáticas do Teatro de Tavadede, muitas delas escritas e musicadas por pessoas da terra. A sua estreia ocorreu no aniversário da coletividade, que anualmente é comemorada com a estreia de uma peça de



Figura 18 - Recorte de Jornal "A Voz da Figueira" de 25 de janeiro de 2007



“outro momento muito marcante, é a estreia da peça do centenário. Acho que foi um dia maravilhoso, um dia em que nós extravasamos as nossas emoções, em que sentimos que a Sociedade apesar de já terem passado 100 anos continuava bem viva e com o espetáculo, que eu achei que foi um ótimo espetáculo” (Ilda Simões).



Figura 20 - Quadro "Chá do Limonete" na peça comemorativa do centenário da SIT

Entre almoços, tertúlias, exposições, homenagens a importantes membros da coletividade, este foi um dos anos com mais atividade de que a SIT tem memória. É importante também referir que foi para a comemoração dos 100 anos da coletividade que o livro “Cem anos ao serviço do povo...e caminhando”, escrito por Vítor Medina, que largamente ajudou na construção dos elementos históricos desta tese, foi escrito e editado. Este livro contempla e dá conta de uma das pesquisas, se não a pesquisa mais vasta e detalhada sobre o Teatro de Tavarede e, em específico, sobre a Sociedade de Instrução Tavadense, enquanto casa de cultura e de educação do seu povo.

### 3.6 Atualidade

A 8 de julho de 2010 a Sociedade de Instrução Tavadense foi reconhecida como Pessoa Coletiva de Utilidade Pública pela sua ativa participação na educação e instrução da comunidade tavadense e figueirense.

#### Despacho n.º 11160/2010

##### Declaração de utilidade pública

A Sociedade de Instrução Tavadense, pessoa colectiva de direito privado n.º 501335013, com sede na freguesia de Tavadere, concelho da Figueira da Foz, presta, desde 1904, relevantes e continuados serviços à comunidade onde se insere através da promoção e do desenvolvimento de actividades de carácter cultural. A sua principal actividade é o teatro embora possua também um grupo coral e desenvolva a dança e actividades de carácter desportivo.

Coopera com as mais diversas entidades, ao nível da administração central e local, nomeadamente, com o Ministério da Cultura, com a Fundação Inatel e com a Câmara Municipal da Figueira da Foz, na prossecução dos seus fins.

Não obstante, deverá clarificar o artigo 7.º dos seus estatutos no sentido de garantir a sua compatibilidade com a Lei n.º 124/99, de 30 de Agosto.

Por estes fundamentos e com as ressalvas apresentadas, conforme exposto na informação final do processo administrativo n.º 101/UP/2009, instruído na Secretaria-Geral da Presidência do Conselho da Ministros, e no uso dos poderes que me foram subdelegados pelo Ministro da Presidência através do despacho n.º 4213/2010, de 26 de Fevereiro, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 48, de 10 de Março de 2010, declaro a Sociedade de Instrução Tavadense pessoa colectiva de utilidade pública, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de Novembro, com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 391/2007, de 13 de Dezembro.

25 de Junho de 2010. — O Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, *João Tiago Valente Almeida da Silveira*.

14062010

Figura 21 - Publicação em Diário da República da declaração da SIT como pessoa coletiva de Utilidade Pública

Segundo Gomes (2018:22), haverá na Figueira da Foz 197 associações/coletividades, “sendo que aproximadamente dezoito delas têm mais de 100 anos de existência” (idem), 28 delas, incluindo a SIT, têm estatuto de Utilidade Pública (Gomes, 2018:107-108).

Nos últimos anos a vivência da SIT foi, em muitos momentos, bastante difícil. No ano de 2018, o edifício principal viu o seu telhado ser levado pela tempestade Leslie, que abalou muitas coletividades no concelho da Figueira da Foz. Este incidente trouxe bastantes problemas. Algumas das salas do edifício ficaram inutilizáveis, incluindo a sala de espetáculos, que está interdita desde então, devido ao perigo do telhado ruir a qualquer momento, como nos conta Cristiana Fadigas, durante a sua entrevista

“depois de ser vistoriada a cobertura da casa, descobrimos que mesmo depois das obras no telhado a casa não reunia condições de segurança e, portanto não se podia circular dentro da sala espetáculos. Sendo um espaço de utilidade pública, não íamos colocar as pessoas em risco, e não íamos poder estrear ali.” (Cristiana Fadigas).

Este acontecimento fez com que o grupo cénico da SIT pela primeira vez em vários anos, tivesse de estrear duas peças fora daquele que é o seu palco, até para honrar “o compromisso com o Lions Clube da Figueira da Foz, para as jornadas” (Cristiana Fadigas). Ao longo de toda a existência das Jornadas de Teatro Amador da Figueira da Foz, apoiadas pelo grupo Lions Clube da Figueira da Foz, apenas nos anos de 1984, 1995 e 1997, a SIT não se fez representar através da atuação do seu grupo cénico. Também o musical *Música no Coração* foi apresentada em 2020, no Grande Auditório do Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz, em duas representações que contaram com casa cheia.

## SIT esgota lotação do Grande Auditório do CAE

●●● A mais recente produção da secção de teatro da Sociedade Instrução Tavadense (SIT), “*Música no coração*”, esgotou a lotação do grande auditório do Centro de Artes e Espectáculos (CAE), com 800 lugares, nas duas sessões. O musical, com adaptação e encenação de João Miguel Amorim, estrou-se no âmbito das comemorações do 116.º aniversário da coletividade de Távarede.

“O agrado manifestado e expresso nas redes sociais faz crer na possibilidade de novas re-



“*Música no coração*” foi visto por mais de 1500 espetadores

presentações, que a SIT não tem possibilidade de levar à cena nas suas instalações”, frisa nota da

associação enviada ao DIÁRIO AS BEIRAS. Isto porque, esclarece, o “estado de degradação provocado

pelo “Leslie” só o tempo e as disponibilidades financeiras a constituir poderão ultrapassar”.

### Referência no teatro

A SIT é uma das 17 coletividades centenárias do concelho da Figueira da Foz. E é aquela que mais se evidencia na arte de representar. De resto, a associação é detentora de um valioso acervo de adereços de peças de teatro. Nos últimos anos, pondo em palco o talento do encenador João Miguel Amorim, tem-se dedicado à adaptação de musicais a peças clássicas, e o público tem correspondido com salas cheias. J.A.

Figura 22 - Recorte de Jornal “Diário as Beiras” de 21 de janeiro de 2020

Ilda Simões identifica este como um dos momentos mais marcantes para si “a estreia da “*Música no Coração*”, para mim foi um momento marcante da Sociedade.” (Ilda Simões).

Apesar de todos os pontos negativos que o furacão Leslie trouxe à coletividade e à sua sede, João Miguel Amorim relata um acontecimento interessante, “no caso do Leslie, houve pessoas de Lisboa, que nos ajudaram e que já cá não vinham há 30 anos, mas houve familiares que foram dirigentes, que sempre gostaram da Sociedade, e

*recebemos e-mails a dizer, nós ajudamos em nome de tal tal tal...*” (João Miguel Amorim).

A continuidade da representação desta peça viu-se comprometida devido à pandemia COVID-19, que encerrou todas as salas de espetáculos. Durante o confinamento a SIT teve diversas iniciativas, umas mais ligadas à cultura que outras, mas todas com o intuito de ajudar a comunidade.

Uma delas foi a criação de grupos que, de forma voluntária, davam apoio aqueles que mais precisavam, indo fazer as compras, levantando a medicação necessária, fazendo pequenos curativos, para que as pessoas não tivessem de sair de casa, tal como o presidente da coletividade conta,



Figura 23 - Recorte de Jornal "Diário de Coimbra" de 19 de abril de 2020

“quando esta situação surge, nós não nos preocupamos muito como é que as pessoas vêm ao teatro ou não vêm a coletividade, não, nós optamos por nos preocuparmos com as pessoas em si, ou seja, aquilo que nós desenvolvemos na altura foi criar equipas para tentar apoiar as pessoas nesta situação, por isso é que criamos o grupo, que atuava se houvesse alguma pessoa que contactasse, a pedir algum tipo de ajuda, nós tínhamos uma equipa formada que ajudava essa pessoas, a semelhança de que se

fez em muitos casos, como o apoio na farmácia, o apoio nas compras. No meu caso como eu sou enfermeiro, no apoio mesmo naquelas situações simples, como fazer pensos, para não se deslocarem aos centros de saúde, [...] E o apoio as máscaras, como tínhamos algumas pessoas que sabiam trabalhar em costura, fazer mascarar, fazer batas... ou seja numa primeira fase esquecemos completamente a parte cultural, queríamos é que esta situação passasse, e a nossa força seria sempre o apoio que daríamos às pessoas para que esta situação se ultrapassasse mais rápido possível, ou seja, preocupamos muito mais com a parte social do que a parte cultural” (João Miguel Amorim).



Nota de correcção: Por lapso, a notícia refere o musical Eduardo Mãos de Tesoura que não faz parte do histórico de representações da SIT. É também mencionado Música no Coração, que tendo sido de facto a última peça levada à cena pelo nosso grupo cénico, não está disponível para visualização online.

Figura 24 - Continuação do recorte do jornal "Diário de Coimbra" de 19 de abril de 2020

Outra iniciativa foi a disponibilização de umas das peças mais recentes na plataforma Youtube, para que desta forma as pessoas pudessem lembrar e, algumas delas, verem pela primeira vez, alguns dos trabalhos realizados por este grupo cénico.

João Miguel Amorim, enquanto presidente da coletividade, fala-nos um pouco do impacto que esta pandemia teve em todas as vertentes e fontes de receita da coletividade,

“Nota-se tanto no bar, porque embora as pessoas continuem a... as mesmas pessoas continuam a lá ir, mas todas as outras que costumavam lá ir também, não vão, nomeadamente não podemos começar a fazer ensaios, logo aí as pessoas que vinham aos ensaios, que ainda eram umas dezenas, não vão... a parte artística de desenvolvermos peças, vai ter que ser muito bem pensada [...] e nota-se muito a nível da despesa e da receita e isso é o que mais me preocupa, eu posso dizer que neste momento, aquilo que nós fazemos, não é suficiente para pagar as despesas, se nós não

tivéssemos um “fundo de mancio” já na nossa posse, que desenvolve-mos ao longo destes tempos, nós estávamos numa situação muito complicada e eu acredito que não somos só nós, que é a maioria das coletividades.” (João Miguel Amorim).

Mais recentemente, no último dia de agosto, deste ano, deflagrou no pavilhão gimnodesportivo, já mencionado atrás, um incêndio que consumiu alguns dos cenários e adereços cenográficos, de peças mais recentes. Apesar de atuação rápida dos bombeiros ter evitado uma tragédia ainda maior, esta é mais uma situação que vem agravar as contas da coletividade, que luta há vários anos para melhorar as condições de todo o edifício.

Apesar de todos estes acontecimentos João Miguel Amorim afirma que “o grande objetivo daquela casa, pelo menos para todos que lá estão neste momento é conseguirmos que ela se torne num polo cultural, num polo artístico, não só a nível de teatro, mas que consiga responder a outras vertentes artísticas” (João Miguel Amorim).

## A VOZ da FIGUEIRA

### Sociedade de Instrução Tavadense empenhada em recuperar da tempestade e em “semear” para o futuro

03 de Abril de 2019



A Coletividade já começou a recuperar o telhado, mas o objetivo é aproveitar a oportunidade e dar andamento a projetos de muitos anos, para que a casa sirva os objetivos para que foi criada: o teatro e a cultura.

Aos 115 anos, a Sociedade de Instrução Tavadense enche-se de novo “fôlego” e prepara-se para olhar o futuro com novas perspectivas. Fortemente atingida pela tempestade “Leslie”, que a levou a adiar a comemoração do aniversário (em Janeiro), a coletividade quer transformar uma adversidade, num mar de oportunidades.

O “ponto de partida” está a ser a cobertura do edifício-sede, já em reabilitação, obra que pode atingir os 40 mil euros, mas que, em 29 mil, será ressarcida em 90% pela Câmara Municipal e pelo poder central. A restante verba, será conseguida através de sócios e amigos, assegura o presidente da direção, que garante querer concluir a obra, «mas cumprindo toda legislação, como a resistência ao fogo», o que se torna «muito mais caro», diz João Miguel Amorim.

Outra preocupação, são as infiltrações (que com a “Leslie” ainda se agravaram mais), em quase todo o imóvel e por isso, aproveitando o facto do edifício ter sido classificado como “ponto notável de Tavadense”, no âmbito da ARU (Área da Reabilitação Urbana), em parceria com a Câmara Municipal, os dirigentes não querem perder esta oportunidade (de financiamento

sia», pretendem dar andamento a «um ambicioso projeto», que irá permitir não só «mais comodidade» a todos os que frequentam a coletividade, mas também «juntar esforços para legalizar», a parte “nova” do edifício, onde atualmente se encontra o pavilhão e, «acima de tudo, criar segurança nas instalações», sublinha Daniel Santos, também da direção.

A questão é que, com as infiltrações por (quase) toda a sede, pode estar em risco o valioso espólio da coletividade, que, além de perto de quatro mil livros «entre os quais, muitas primeiras edições», há ainda «mais de 800 cenários, a maioria em papel e alguns com mais de cem anos», e um «enorme guarda-roupa», agora “acomodados noutros espaços, mas que precisam de ser salvaguardados. Daí, que a ARU de Tavadense possa vir a ser uma “tábua de salvação”, permitin-

do que se possa avançar para outro tipo de obra, a de transformação do atual pavilhão gimnodesportivo inativo (antigo espaço de bailes), num a outra ala «ao serviço daquilo para que estamos vocacionados, teatro e cultura», salienta João Miguel. Mas o primeiro passo será a obtenção da licença de utilização, que nunca teve, alteração do projeto que data de 1972, mas que ficou suspenso, após a tragédia de Tondela (em que morreram várias pessoas numa coletividade) e depois sim, «acomodar várias salas para música, dança, ensaios, oficina de construção de cenários, salvaguardar o espólio que temos e que tudo possa fluir», diz João Miguel.

#### Obras, sem perder de vista o teatro

A par de todas estas remodelações e projetos, a SIT não descarta a “men-



na dos seus olhos”, a “Arte de Talma” e, a 12 de maio, no âmbito das Jornadas de Teatro Amador do Lions Clube da Figueira da Foz, mesmo sem grandes condições na sede, val estrear na sua sede, a comédia “O quarto de Dona Leonarda”. Adia para já, em princípio para setembro, está a estreia de mais uma grande produção, a “Música no Coração”. É que, à falta de condições físicas, junta-se a impossibilidade temporária daquela que será uma das atrizes principais.

Mas a garantia de que este ano, a coletividade mantém a matriz dos últimos anos, com um grande musical, vem de João Miguel Amorim, também encenador e

de Oz”, adaptações do “Costa do Castelo” ou da “Canção de Lisboa”, entre outras, grandes êxitos de bilheteira e que relançaram a SIT como referência na arte (amadora) de bem representar, honrando assim, os seus antepassados, particularmente, o mestre José Ribeiro.

Para conseguirem fazer mover todos estes “desafios”, a SIT que, a pensar no futuro, tem já um arquivo digital significativo, com peças, fotografias e programas desde 1912, constituiu várias comissões, de gente «empenhada e motivada», com tarefas para as áreas da cenografia, biblioteca, angariação de fundos, guarda-roupa, comunicação e obras, entre outras.



Figura 25 - Recorte de Jornal “A Voz da Figueira” de 3 de abril de 2019

Apesar do encerramento da Escola da Noite, “*a Sociedade Instrução Tavadense não deixou de ser uma escola por deixar de ter uma escola normal de letras. Essa instrução existe, a nível literário, a nível histórico, há uma série de informação...*” (Cristiana Fadigas). Esta é uma coletividade que até aos dias de hoje se preocupou e continua a preocupar com a educação, instrução, cultura e bem-estar da sua comunidade. Alargando cada vez mais os seus horizontes de forma a dar resposta a diferentes necessidades da população.

## Capítulo IV - Percursos de Vida e Aprendizagens na SIT

### 4.1 Pertencer à SIT, sentidos e significados

Com a análise das entrevistas que realizamos, pudemos constatar um dos factos que caracteriza muitas as associações e coletividades criadas no séc. XX. Uma grande parte dos seus intervenientes começaram a sua participação na mesma através da influência da família. Nas 5 entrevistas analisadas verificamos isso mesmo a Madalena começou a participar “*Por causa do meu avô*” (Madalena Santos), a Cristiana

“Fui no fundo levada pela minha mãe, que sendo tavadense, já tinha, também, história dentro da SIT. Antes de casar a minha mãe já tinha participado também no teatro da sociedade, e na altura também ela convidada por alguém que continuava na coletividade, e como já tinha as filhas crescidas o suficiente para as poder arrastar com ela fomos as três na altura.” (Cristiana Fadigas).

O João Miguel conta-nos que,

“A minha participação na Sociedade, foi um bocado, entre aspas, uma imposição familiar, é entre aspas, porque não foi uma imposição, mas como a minha família está desde sempre ligada à coletividade eu fui encaminhado por eles, para começar a participar na coletividade.” (João Miguel Amorim).

No caso de Ilda, a primeira recordação que tem da SIT faz-nos entender que a sua família estava envolvida e era presença assídua em todos os eventos feitos na coletividade,

“A primeira recordação que eu tenho da Sociedade de Instrução Tavadense é de estar a assistir a uma sessão solene, precisamente. O teatro era o teatro antigo, tinha a plateia e tinha os camarotes, e a minha mãe tinha lugar cativo...num camarote...” (Ilda Simões).

Manuel Lontro identifica a participação do seu irmão, Benjamim Lontro, como o ponto de partida para o seu envolvimento e interesse pela SIT,

“o Benjamim fazia parte da Direção, era secretário e eu fui para lá com ele, ele ia para lá trabalhar para a Direção e eu ia para lá para ao pé dele. Foi então que comecei a entreter-me a brincar com a máquina de escrever, andava por ali, e foi quando entrei na direção.” (Manuel Lontro).

Já em 1960 a importância da família e a entrega dos tavadenses era enunciada numa notícia do jornal “Remate”, com data de 21 de junho. O amador entrevistado, António Jorge da Silva, que previamente já foi nomeado por ter vencido o prémio de melhor ator no Concurso Nacional, dá conta do percurso familiar na coletividade e da sua longa ligação ao teatro.

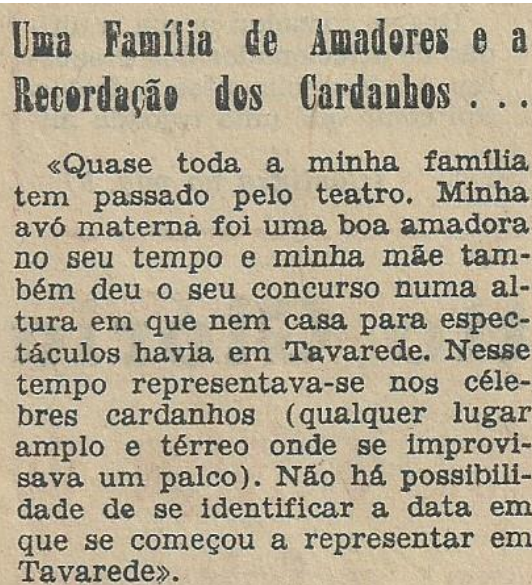


Figura 26 - Recorte do jornal "O Remate" de 21 de junho de 1960

A maioria das pessoas entram na coletividade para participar no teatro, sendo que esta foi, e continua a ser, a atividade fulcral da coletividade. Apesar disto, a maior parte passa a desempenhar outros papéis, como nos diz o presidente da coletividade, João Miguel Amorim,

“naquela casa as pessoas não se limitam, ou a grande maioria, não se limita a fazer parte do teatro, portanto todas as outras atividades que havia, tudo aquilo em que era preciso ajudar, as famílias que estão presentes naquela casa há bastante tempo, sempre ajudaram” (João Miguel Amorim),

no seu caso sempre foi

“ligado ao teatro, ou ligado às atividades que lá se desenvolviam, convívios, etc., e depois sim, mais tarde, aos 24, para aí, é que eu começo a ser dirigente associativo.” (João Miguel Amorim).

Neste momento, João Miguel Amorim, acumula as funções de presidente da coletividade, de encenador e ator, mas conta que

“estes 3 papéis que eu desenvolvo não me tem feito muito mal, até me tem ajudado ainda mais, daquilo que falamos, a crescer como pessoa... porque é muita responsabilidade e estou bastante satisfeito até agora, tem me dado um gozo tremendo fazer isso tudo.” (João Miguel Amorim).

Cristiana Fadigas dá o seu exemplo,

“a minha participação na casa e a minha ajuda na casa acabou por ser interrompida a partir dos meus 13 anos, e fosse almoços da coletividade fosse, sei lá, salas que fosse preciso arrumar, limpar. Fiz bilheteira muitas vezes antes das peças começarem.”  
(Cristiana Fadigas).

Também Ilda Simões refere que a sua participação não se limitou aos palcos, “*Eu...comecei por pertencer à direção*” (Ilda Simões), “*dali até ser presidente da direção, não demorou muito*” (Ilda Simões), “*Depois há uma altura em que o teatro em Tavadede ficou sem encenador...eu...sou...pela minha terra faço tudo*” (Ilda Simões). Manuel Lontro diz que em termos de participação na coletividade, “*Não houve nada que eu não fizesse!*” (Manuel Lontro), “*fui ponto, fui contra-regra, fui tudo tudo.*” (Manuel Lontro). Conta que ainda em pequeno era uma espécie de secretário do irmão, “*quando havia espetáculos, havia bilhetes numerados, as filas ABC, 123, então o Benjamim “Manel, faz a coleção dos bilhetes” e eu então já sabia fazer, fazia a coleção dos bilhetes, era uma espécie de secretário dele, até gostava!*” (Manuel Lontro). No seu depoimento para o livro do centenário, José Maltez diz “na SIT eu fiz de tudo um pouco, passando mais tempo na coletividade do que em casa” (Medina, V., 2004:161). José Manuel Cordeiro Oliveira conta que “pintei cenários e apontamentos, fiz adereços, puxei cortinas e até cheguei a representar” (Medina, V., 2004:152).

É interessante, do ponto de vista social e também enquanto investigadora, perceber o sentido de pertença que estas pessoas têm em relação a esta coletividade. No caso da Madalena, com apenas 14 anos, diz-nos que “*Eu sinto que a Sociedade é a minha segunda casa!*” (Madalena Santos), que vai ao encontro do que muitas das pessoas que frequentam esta coletividade dizem a respeito da mesma. Cristiana Fadigas corrobora esta ideia ao contar-nos que

“O simples facto de escrever nas tábuas de trás de palco, o nome, o nome da personagem, o nome da peça e a data, não fui capaz de o fazer nas duas peças que não fiz ali. A casa não é só isso! Uma casa é uma casa! Um lar é um lar! E aquilo mais do que uma casa, para mim é um lar! E levar isto tudo para fora, é extremamente complicado de explicar às pessoas, a quem não vive o associativismo e o teatro desta maneira, é uma conversa de alguém completamente louco!” (Cristiana Fadigas).

Manuel Lontro durante a entrevista conta um episódio, em tom de brincadeira, mas que demonstra bem esta dedicação e amor à casa,

“Todos os dias, até aquela altura, naquele ano tinha ido à Sociedade todos os dias. Depois há um dia que vamos com o teatro para fora, tínhamos de sair cedo, 7 horas, 6

horas da manhã, tínhamos que sair cedo para ir no autocarro. O Manel que tem ido à Sociedade todos os dias, também não é hoje que vou passar...cheguei lá acima à Sociedade, abri a porta, entrei, tornei a fechá-la e vim para o autocarro (risos)! Era a minha casa (risos)!“ (Manuel Lontro).

Também outros se referem à SIT, como a sua segunda casa, como podemos ler no depoimento de Maria Otília Medina Cordeiro

“Não era em vão que dizia (a mãe) que a SIT era a sua segunda casa, pois tinha sido lá, segundo ela dizia, “que tinha aprendido a ser mulher” pelos ensinamentos, pelas amizades, pela educação e respeito com que foi tratada desde nova.” (Medina, V., 2004:172).

A freguesia de Tavarede muito deve à SIT, como diz José António da Paz Cardoso Ferreira, no seu depoimento para o livro comemorativo dos 100 anos da coletividade, “*a SIT é antes de mais, uma “marca, cultural de Tavarede”* (Medina, V., 2004:146).

Como seria de esperar, quem frequenta a coletividade desde pequeno, cria, inevitavelmente, laços de amizade, não só com a casa, mas também com as outras pessoas que a frequentam. Exemplos disso existem muitos, e tanto José António da Paz Cardoso Ferreira, “*ali se cimentaram muitas das grandes amizades que tenho hoje*” (Medina, V., 2004:146), como Cristiana Fadigas, o referem, “*os meus grandes amigos estão dentro daquelas paredes, ou foram criados a partir daquelas paredes*” (Cristiana Fadigas). Manuel Lontro descreve a amizade que tem à coletividade como “*um amor familiar, a gente mesmo quando tem conflitos com a própria família, mas são conflitos passageiros, mas nunca perdemos a amizade, pode haver desencontros, mas nunca perdemos a amizade a nível familiar, há sempre aquele laço que nos une!*” (Manuel Lontro).

## 4.2 A SIT enquanto lugar de formação e de aprendizagem

Tal como já foi referido atrás a grande maioria das pessoas que estão e que passaram pela SIT, atribuem a esta algumas das aprendizagens mais importantes que tiveram ao longo da sua vida.

Desde a educação, a amizade, o sentido de responsabilidade, o saber sobre a própria terra, e até mesmo a escolha da profissão que têm nos dias de hoje. Podemos consultar e ler sobre isto nos depoimentos escritos para a comemoração dos 100 anos da Sociedade de Instrução Tavadense, mas também nas entrevistas por nós realizadas para esta dissertação.

Por norma, as pessoas têm alguma dificuldade em identificar as aprendizagens, os conhecimentos e os momentos em que realizaram os mesmos. Mas, ao contrário daquilo que se podia esperar, os entrevistados conseguiram identificar bastantes aprendizagens, que consideram ter adquirido através da sua participação na coletividade. É bastante interessante ler e perceber o quão agradecidas as pessoas são a esta coletividade.

Para uma melhor organização e compreensão agrupei as aprendizagens enunciadas pelos entrevistados e presentes nos depoimentos para o livro do centenário em grupos. Esta definição foi baseada nos “Quatro Pilares da Educação”, apresentados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, da seguinte forma:

“• *Aprender a conhecer*, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

• *Aprender a fazer*, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

• *Aprender a viver juntos* desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

• *Aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.” (Delours, 1999:101-102)

## **Aprender a conhecer**

A SIT, mesmo em contexto de ditadura, e em especial José Ribeiro, com as suas palestras e conversas informais foi uma escola de democracia e liberdade, numa época em que pouco se sabia a esse respeito,

“eram frequentes e então lições de democracia...ele [José da Silva Ribeiro] não influenciava, não queria meter... as ideias dele nos outros, mas demonstrava, falava sobre o que era a democracia e o que era a liberdade. E passei toda a minha vida a ouvi-lo, é claro, forçosamente tinha que me influenciar...o que na escola não ensinavam, a respeito de democracia e de liberdade, na altura do Salazarismo, aprendi a ouvi-lo, eu e outros, aprendi a ouvi-lo, e tem isso influência no nosso espírito, na nossa maneira de ser, no nosso comportamento.” (Manuel Lontro).

Noutro registo Manuel Lontro conta a posição de José Ribeiro em relação ao regime salazarista,

“Ele tentou sempre levar peças de que o regime não gostava! Ou que proibia! Ele tentou levar uma peça do Bernardo Santareno, que também era todo do outro lado, e não conseguiu. Acho que ele aqui nunca conseguiu levar nenhuma peça do Bernardo Santareno..., Mas a ideia dele era essa, era peças que tivessem conteúdo contrário ao regime.” (Manuel Lontro)

Falando em específico de uma das peças escritas por José da Silva Ribeiro, muitas delas com conteúdo biográfico de Tavarade, Manuel Lontro conta,

“houve diversas, umas 2, 3, 4 peças, agora não me lembro, não posso precisar quais, que foram à censura e vieram de lá...cortadas. E ele teve que substituir esses quadros por outros. Acho que o Chá de Limonete é uma delas, foram substituídos por outros. Quer dizer, ele tentava a todo o custo fazer, trazer peças, ou originais, em que contasse a história de Tavarede, ou peças sempre com um determinado objetivo que foi o caso do Sonho do Cavador, em que se dizia que O Sonho do Cavador teve grande êxito, porquê?! Porque era a apologia da gente pobre. [...] era a apologia do cavador, coisa que era absolutamente contrária às ideias do...do regime de Salazar. “Epa O Sonho do Cavador só teve grande êxito”, dizia uma pessoa entendida em teatro, “epa O Sonho do Cavador aquilo não tem qualidade nenhuma, só teve aquele êxito porque era antirregime! Isso é que foi o êxito do Sonho do Cavador, não foi a própria peça em si. Era a ideologia do Zé Ribeiro, a defesa do cavador, da gente humilde, que não tinham hospital...” (Manuel Lontro)

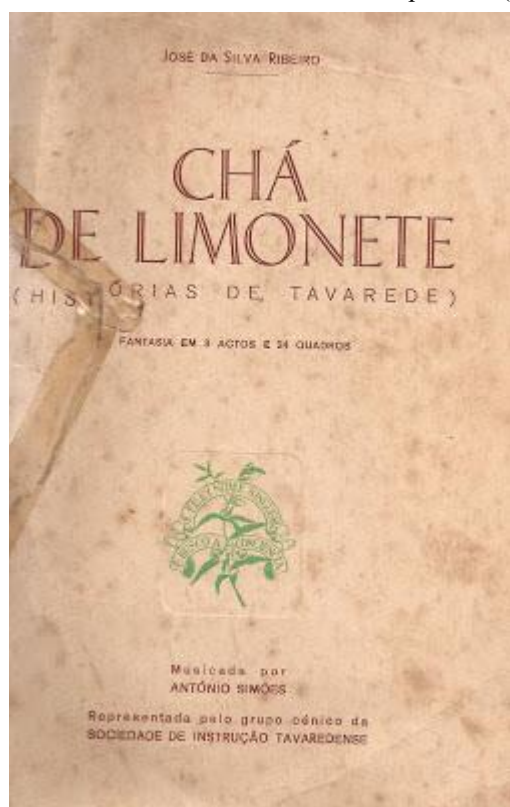


Figura 27 - Livro da peça "Chá de Limonete" de José da Silva Ribeiro

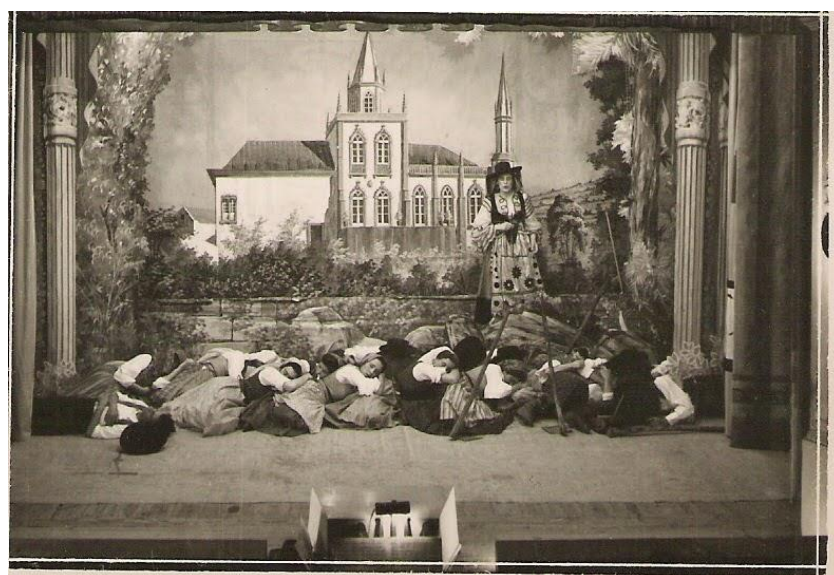


Figura 28 - Cena "A Sesta" na peça "Chá de Limonete"

Também sobre isso, Ilda Simões diz, “quanto aprendi na tua casa! Foram lições de Solidariedade, de Humanidade, de Liberdade!” (Medina, V., 2004:135).

O conhecimento sobre a sua terra e sobre a história da mesma também são enunciados, algumas vezes, por diferentes pessoas, José António da Paz Cardoso Ferreira

diz “*Ali aprendi e falei da história de Tavarede*” (Medina, V., 2004:146), tal como Ilda Simões “*foi com A Terra do Limonete que eu conheci a história da minha terra*” (Medina, V., 2004:134). Também a entrevistada Madalena Santos refere que “*A Sétima Vida também me ajudou com isso [aprendizagem sobre a história de Tavarede]. Porque A Sétima Vida também tem um pouco da história de Tavarede...*” (Madalena Santos).

Ao nível dos percursos escolares e profissionais, vários são aqueles que referem que a sua participação, especialmente no teatro, as ajudou a adquirir competências que lhes permitem ter mais à vontade, por exemplo, aquando de apresentações orais em contexto de sala de aula “*eu acho que depois de entrar no teatro, pelo menos, a fazer apresentações orais sou mais...livre! [...] E nem preciso de estudar para as expressões orais, porque sai tudo na cabeça, no momento...*” (Madalena Santos), João Miguel Amorim vai mais longe dizendo que

“na universidade, quando tínhamos que apresentar trabalhos, até sem ser na universidade, antes disso...quando tínhamos que apresentar trabalhos, o nosso à vontade, a nossa confiança...mesmo aquela parte que nos ensinaram a termos que estudar o texto, temos que saber quem é o autor, temos que perceber onde é que está inserido, em que contexto histórico está inserido...tudo isso é importantíssimo, e foi nos ensinado na Sociedade!” (João Miguel Amorim).

Vemos que esta questão é transversal a diferentes idades. Ilda Simões, que frequentou a escola há mais de 50 anos, mas diz que, já na altura,

“quando nos mandavam numa aula de português ler um texto, os professores diziam logo “*vê se bem que és de Tavarede*”, porque havia uma dicção completamente diferente, um à vontade, e nem que o texto estivesse a ser lido pela primeira vez, parecia que se adivinhava o sentido daquilo que queríamos dizer. E o à vontade, o enfrentar a plateia com um sorriso, não estar nunca de cara fechada, o interpelar as pessoas, o andar até” (Ilda Simões).

O conhecimento adquirido ao representar e “conviver” com certos autores e suas personagens, é considerado por Ilda Simões uma vantagem em relação aos colegas que, na altura, nunca tinham contactado com o teatro,

“nós distinguíamo-nos, porque nós, por exemplo, quando se falava Gil Vicente, se havia alunos que nunca tinham ouvido falar de Gil Vicente, nós de Tavarede, conhecíamos a obra de Gil Vicente, não conhecíamos uma peça, conhecíamos imensas

peças de Gil Vicente. Já as tínhamos visto representadas e sabíamos o significado das personagens.” (Ilda Simões).

Há até quem diga que a SIT, e o seu envolvimento na mesma, foram fundamentais para a escolha da profissão que tem nos dias de hoje. José Miguel Lontro é uma dessas pessoas, que desde muito novo participou na coletividade, influenciado pelo pai e pela mãe. Começou por representar, como a grande maioria, mas foi sobre cenografia e a arte da luz que *“o interesse foi crescendo e eu comecei a ler, comecei a procurar saber o que se fazia longe da nossa pequena Tavadede. E fui aprendendo cada vez mais. Se hoje sou profissional nesta área, à SIT o devo, que fez de mim um “Técnico de Luz”* (Medina, 2004:152). Também Ilda Simões comenta, durante a sua entrevista que *“eu queria fazer uma licenciatura. E uma licenciatura que já na altura na minha cabeça bailava ao nível das literaturas...lá está mais uma vez o teatro e a Sociedade de Instrução Tavadense estava ligada ao meu ser.”* (Ilda Simões). Já no seu depoimento para o livro do Centenário refere que *“era muito pequena para compreender certas palestras, mas aprendi a gostar de ouvir o que foi muito importante para a minha formação.”* (Medina, V., 2004:134), visto que anos mais tarde se viria a tornar professora de português-francês. *“foi na tua casa que eu aprendi a gostar do Mestre Gil [Vicente]. Não através de teorias enfadonhas, de definições fastidiosas que normalmente desmotivam os jovens, não, conheci-o através das suas personagens”* (idem), *“que eu conheci a poesia lírica de Camões, que eu conheci Garrett e o seu romantismo.”* (idem), e que, anos mais tarde, a fizeram escolher o curso de Filologia Românica.

Além do peso que teve na escolha do seu curso e da sua profissão, Ilda Simões diz que durante todo o tempo que foi professora, usou, muitas vezes, o teatro como meio de ensino e que verificava que isso *“era uma mais valia para a aprendizagem”* (Ilda Simões). Conta-nos que

*“Na escola...fiz de tudo...não só dei aulas, como também implementei cursos de teatro, fiz espetáculos com os miúdos...eu tinha aulas que eram verdadeiros espetáculos, fiz aqui espetáculos na Sociedade de Instrução Tavadense com alunos da João de Barros, ajudada por alguns colegas...e os miúdos adoravam”* (Ilda Simões).

Cristiana Fadigas considera que o associativismo,

“cria-nos pessoas com relações interpessoais muito mais facilitadas, o trabalho em equipa, a comunicação com vários estratos sociais, com várias idades. Eu acho que quem está dentro do associativismo, tem de certeza, uma maior predisposição para isso, não tenho a menor dúvida!” (Cristiana Fadigas).

## **Aprender a fazer**

Uma das aprendizagens que é referida por diversos atores amadores que pisaram aquelas tábuas é *“aprendemos a falar, a gesticular e, sobretudo, a ouvir.”* (Medina, V., 2004:140), como conta João Pedro Amorim. Também Maria de Lurdes Moura partilha a mesma opinião dizendo, *“aprendi muito com José da Silva Ribeiro, o mestre que nos ensinava a falar, a “saber estar”, e a sentir o gosto pela leitura e pela arte.”* (Medina, V., 2004:170). A entrevistada Ilda Simões não tem dúvidas algumas de que *“o pisar um palco, o habituarmo-nos a falar para uma plateia, posicionando bem a voz, uma voz clara, com as palavras bem ditas...”* (Ilda Simões) são competências que adquiriu com a sua participação no teatro, e que a fizeram destacar dos demais, tanto a nível social, como profissional. De forma a corroborar esta ideia conta um pouco de como eram os ensaios com o José Ribeiro,

“Eu recordo-me de uma coisa muito simples, era como dizer uma palavra começava em se depois começava numa vogal, mais e, e as pessoas diziam “maizi”, mas “mazi o que?”, aquilo era absolutamente interrompido... “não é maizi, mais e”, portanto era tudo ali feito...nós parecia que estávamos numa terapia da fala. Éramos obrigados de facto a falar bem, e quando aparecia, outra coisa que era muito importante e que de facto nos fazia destacar depois nas escolas, era quando aparecia uma frase ou ele dizia alguma coisa com uma palavra que nós desconhecíamos, aquela palavra era dissecada até ao último...segmento. Nós tínhamos que saber depois já não era só o significado, era a origem da palavra, talvez daí depois o meu interesse pelo latim e pelo grego também...porque eu estava tão habituada...a procurar...a palavra, conhecer a palavra” (Ilda Simões).

## **Aprender a viver juntos**

Referida anteriormente, a convivência intergeracional, a educação e respeito que surgem a partir da mesma é enaltecida e bastante valorizada várias vezes ao longo das entrevistas realizadas *“essa convivência entre gerações é inacreditável, e é algo que nada*

*consegue pagar. O associativismo traz-nos isso, sendo teatro ou não., mas o teatro traz-nos isso!*” (Cristiana Fadigas). A troca de experiências, histórias e vivências entre diferentes gerações é apontada como uma mais valia, até mesmo a nível histórico,

“a convivência entre pessoas de várias gerações. É completamente diferente estamos ali a ouvir histórias, como eu já ouvi de pessoas que conheceram o meu trisavô...e que têm memórias dessas pessoas e nos passam essa mensagem, e que nos contam a quantidade de coisas que nós não sabemos” (Cristiana Fadigas),

“por exemplo as pessoas que chegavam gazeadas da guerra, e chegaram aqui a Tavadede alguns, contado pelos seus familiares, não era lido, portanto estas conversas eram tidas nos bastidores, estavam uns a ensaiar e estavam os outros...é que não se perdia ali tempo, estava-se ali, de facto, aquela cultura, uma cultura popular, mas da qual nós não podemos prescindir...” (Ilda Simões).

Também o sentido de responsabilidade perante nós próprios e o grupo em si é algo enunciado ao longo das entrevistas. *“O teatro em si, traz-nos uma questão de responsabilidade, a verdadeira noção do que é que é o trabalho de equipa, e de que quando tu falhas os outros falham contigo!”* (Cristiana Fadigas).

Isto eu trago para qualquer coisa na minha vida, pode ser algo muito pessoal, pode fazer também parte da minha personalidade, mas eu só de pensar que, se eu puser um pé à frente do outro eu vou estar a prejudicar alguém que esteja ao meu lado, eu não faço, ou pelo menos vou tentar faze-lo o melhor possível para que se eu avançar, essa pessoa avança comigo.” (Cristiana Fadigas).

O saber viver e trabalhar em grupo e o altruísmo desenvolvido através da participação e envolvimento na coletividade são duas das competências apontadas por João Miguel Amorim, como competências-chave para a vida em geral, e para um crescimento individual e social dos indivíduos,

“o próprio altruísmo que a pessoa tem, nem todas as pessoas que passam pela coletividade têm o mesmo sentido de altruísmo, mas eu acho que nós temos que ir descobrindo e moldando o nosso sentido de altruísmo,” (João Miguel Amorim)

“a responsabilidade de não querermos falhar perante os outros que estão connosco. Vem também, quando estás inserido num projeto em si, vem também a parte de não querer falhar perante com quem tu trabalhas.” (João Miguel Amorim),

“Numa coletividade as vezes não fazemos aquilo que queremos, mas sim o que o grupo decidiu, e esse caminho é sempre a pensar no outro, no sentido coletivo e não no sentido individual. E isso é uma das coisas que difere muito as pessoas que entram no meio associativo e que trabalham no meio associativo, é esta parte coletiva e não é fazermos as coisas individualmente, e querermos os louros individualmente, não!” (João Miguel Amorim).

Manuel Lontro dá, ao longo da sua entrevista, vários exemplos de como

“As pessoas de Tavadede que passaram aqui pelo teatro, e foram muitas, e passou de família para família, tem um à vontade, tem uma maneira de estar, diferente das pessoas [de outras freguesias], têm muito mais à vontade, uma outra maneira de estar, de conversar, de se comportar, e isso é tudo influência, quer a gente queira, quer não, do Teatro.” (Manuel Lontro),

veja-se

“o Zé Luís ia fazer chanatos a casa de pessoas bem, vá lá, a casa de pessoas cultas, e dizia-me o Zé Luís, “eu não tenho, hoje, devido aquilo que aprendi no teatro, eu não tenho medo nenhum de conversar com uma pessoa superior a mim culturalmente, não tenho acanhamento nenhum, mas isso devo-o ao teatro!” (Manuel Lontro),

e também

*“dizia o Doutor Gaspar de Lemos, que tinha sido ministro da cultura, que as pessoas de Tavadede notava-se nelas a diferença de saber estar e de saber conversar. Isto é um exemplo da influência da...coletividade”* (Manuel Lontro).

## **Aprender a ser**

A nível cultural e cívico, não há dúvidas de que a SIT e o seu teatro contribuíram, largamente, para o desenvolvimento e para o abrir de horizontes das suas gentes e da sua terra. O Padre Matos, pároco desta freguesia durante largos anos, e grande amigo da coletividade diz *“Noto que há uma maneira diferente de estar na vida, há outras atitudes, há mais educação, sensibilidade”* (Medina, V., 2004:121), *“A SIT tem sido ao longo dos tempos uma pequena universidade para a nossa Terra. Ali se aprende a viver”* (idem). Como já foi descrito atrás, muitos foram aqueles que através da SIT conseguiram sair

pela primeira vez do seu país, e alguns até mesmo da aldeia. Seguem-se alguns exemplos de amadores, sócios e amigos da SIT que indicam esta coletividade como escola de bons costumes, educação e respeito, como são os casos de José Rodrigues Medina,

“O teatro ensinou-me muito. Com ele me enriqueci culturalmente e não só, pois foi também o teatro que me ensinou a conviver, a ser tolerante, a ser verdadeiro, a ser solidário, a saber ouvir os outros.” (Medina, V., 2004:156).

João José Rodrigues da Silva, afirma que *“foi no teatro e na SIT, que cresci, me fiz o homem que me orgulho de ser, onde aprendi a respeitar os outros, a conviver com todas as pessoas solidária e fraternalmente.”* (Medina, V., 2004:136); José António da Paz Cardoso Ferreira,

“Com o exemplo do Mestre José Ribeiro percebi, com naturalidade, que a vida tem momentos certos para tudo, para brincar salutarmente, para respeitar regras incontornáveis ao bom funcionamento das atividades, a respeitar os mais velhos tentando aprender com eles aquilo que a vida já lhes ensinou, a ser tolerante com os dias “menos bons” dos outros, enfim, um pouco de tudo.” (Medina, 2004:146).

E Manuel Lontro,

“Na convivência e amizade com a numerosa família SIT, (...) colhi preciosos ensinamentos que me têm servido na vida e aprendi os preceitos da disciplina, do respeito, da fraternidade e da tolerância.” (Medina, 2004:167).

Ilda Simões também menciona algumas das aprendizagens que teve na SIT, e que na altura eram fundamentais para a vida em sociedade,

“não era só instrução, era a educação, era o saber como entrar, como sair, como sentar...e nessa altura havia muita preocupação, as senhoras tinham que se sentar de uma maneira, os cavalheiros de outra, e hoje as coisas estão muito diferentes, mas pronto, eu fui educada dessa maneira...o cumprimentar, o saber dizer obrigada, o saber respeitar os mais velhos” (Ilda Simões).

Também há quem se refira ao seu desenvolvimento e crescimento a nível pessoal graças à frequência e convivência na SIT, como é o caso de Manuel Lontro, no seu depoimento para o livro do Centenário,

“Aproveito esta oportunidade [...] para muito comovidamente manifestar à Sociedade de Instrução Tavadense a minha dívida de gratidão por tudo quanto de bom me proporcionou na vida para, mercê da forte influência que teve na minha formação, me

tornar no algo de gente que sou hoje, com algumas virtudes e os naturais defeitos.”  
(Medina, V., 2004:166)

De uma forma geral, através do seu depoimento para o livro *Sociedade de Instrução Tavaresense: Cem Anos ao serviço do povo...e caminhando* (Medina, V., 2004:178), Maria Paz da Silva agradece à coletividade por tudo o que lhe deu, em todos os níveis da sua vida,

“Só sei que a SIT teve, assim, uma prestação muito valiosa na formação e desenvolvimento da minha personalidade, no tocante à aquisição de valores, atitudes, normas, comportamentos e na construção de padrões de relacionamento com os outros. As alegrias vividas, os sacrifícios exigidos, toda aquela luta se assemelha à luta que temos de travar, na vida, para sermos alguém. A SIT fez-me despertar e ter consciência do que eu era, para assim me ser possível realizar tudo o que estava ao meu alcance.”.

Apesar destas categorizações é importante ressaltar que certas transcrições se encaixam em mais que uma dimensão, tendo em conta que existe uma multiplicidade de aprendizagens em simultâneo. Certas vivências e aprendizagens são indissociáveis umas das outras, o que torna a educação e formação destas pessoas ainda mais ricas.

## **Considerações Finais**

Desde que me conheço sempre frequentei a Sociedade de Instrução Tavadense e conseqüentemente tive contacto com o mundo do associativismo e do teatro. Por essa razão, considero ter uma perspectiva totalmente diferente da população que nunca esteve ligada a estes campos.

Vejo, e por isso me propus a fazer este trabalho, o associativismo e as coletividades como uma escola. A escola a que vamos sem dizer “que seca!”, mas sim, que ansiamos a chegada da hora de ir até ela. Escola de educação, instrução e, acima de tudo, criação de cidadãos. A partir dela e dos seus fundadores, Tavadense floresceu, abriu horizontes aos seus, mostrando que com amor, persistência e dedicação tudo é alcançável.

No caso da Sociedade de Instrução Tavadense, tal como o nome indica, criada para dar instrução a Tavadense, o seu papel ao longo dos anos não se alterou. Durante muitos anos, casa da educação dos tavadenses, e centro de toda, ou quase toda, a atividade cívica e cultural que nesta aldeia, agora vila, acontecia. Com as mudanças da sociedade e do mundo, também a coletividade mudou. Tudo mudou, menos a vontade de manter vivo o projeto de educar e instruir a comunidade. Sobrevivente à ditadura, a crises políticas, crises económicas, crises sociais, tempestades, furações, fogos, pandemias mundiais e muitos mais.

Ao longo desta dissertação e de todo o processo para a desenvolver foi-me bastante complicado contornar e descentrar este estudo, daquela que é a atividade principal da SIT, o Teatro. Apesar de ser em grande parte a identidade desta coletividade, tentei ao máximo não me focar inteiramente neste aspeto e explorar outros, que até hoje nunca tinham sido aprofundados. Uma coletividade é muito mais do que a sua atividade, e era isso mesmo que queria transferir para este trabalho. Todas as vivências, aprendizagens, competências que as pessoas foram enunciando ao longo das entrevistas mostram bem a qualidade e variedade das mesmas. Por, desde pequena, fazer parte da SIT compreende os efeitos educativos/formativos que esta teve em mim, e o papel fundamental que teve na minha formação enquanto estudante, trabalhadora, amiga e cidadã.

O percurso histórico desta coletividade e as suas atividades fundem-se com tantas outras pelo país fora. E considero vital referir a importância que este tipo de associações

e coletividades tiveram, durante muito tempo, para as suas comunidades, em diferentes momentos da história. Dois desses momentos que considero fundamentais sintetizar são:

- Aparecimento das coletividades – tendo em conta a situação social e educativa do nosso país no início do século XX, o surgimento das coletividades de instrução foram fundamentais para quebrar com o ciclo do analfabetismo e falta de instrução do povo;
- Papel na Revolução de 25 de abril de 1974 – as coletividades e associações foram, em alguns casos, pontes entre a liberdade e as comunidades. Além disso, muitas foram aquelas que tiveram um papel fundamental na Revolução dos Cravos.

Este trabalho deu-me a possibilidade de aprofundar e conhecer melhor a história da SIT, e a importância que teve junto da comunidade tavadense. Desde o processo de alfabetização, passando pela educação e instrução ao nível político e social, até ao momento de hoje, em que continua a ser uma verdadeira escola de solidariedade, instrução, justiça e democracia.

Apesar da ambiguidade e subjetividade das aprendizagens enunciadas ao longo das narrativas biográficas e dos testemunhos presentes no livro do centenário, a maior parte consegue identificar a importância que a envolvência nesta coletividade e no associativismo tiveram para a sua vida e para os diferentes planos da mesma.

Os constrangimentos causados pela pandemia da COVID-19 fizeram com que algum do material existente não fosse explorado com o detalhe que queria e gostaria, mas será com certeza um excelente mote para o arranque de uma nova organização do espólio e da biblioteca desta coletividade.

Em jeito de conclusão, considero importante referir o quanto este processo de investigação e estudo me fez crescer enquanto estudante, investigadora, cidadã e tavadense. Com tudo isto consegui mergulhar profundamente no conhecimento das minhas raízes e na de tantos outros, e que tanto contribuíram para o desenvolvimento da minha terra e das suas gentes. Sinto-me extremamente grata a todas as pessoas que fizeram comigo esta caminhada, e que de uma maneira ou de outra me ajudaram, apoiaram e conduziram.

## Bibliografia

- Alves, Sofia (2011). Evolução da História da educação de Adultos em Portugal. Pós-graduação em Educação de Adultos. Consultado em: [https://www.artigosnoticias.com/artigos/educacao/10/evolucao\\_da\\_historia\\_da\\_educacao\\_de\\_adultos\\_em\\_portugal.html](https://www.artigosnoticias.com/artigos/educacao/10/evolucao_da_historia_da_educacao_de_adultos_em_portugal.html)
- Boavida, João, & Amado, João (2008). *Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bruno, Ana (2014). Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. *Mediações* (2), 10-25.
- Campenhoudt, Luc Van., Marquet, Jacques & Quivy, Raymond (2017). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª Edição). Lisboa: Grávida.
- Cosme, Vânia Maria (s/d). *Aprender Fazendo e Experienciado no Grupo de Teatro Amador da Escola Dramática e Musical Valboense*. Porto: Dissertação de Mestrado, FPCEUP.
- Canário, Rui (2006). Aprender sem ser ensinado: A importância estratégica da educação não formal. Em Licínio Lima, Rui Canário, José Augusto Pacheco & Manuela Esteves, *A educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos de Investigação* (pp. 159- 206). Lisboa: CNE.
- Canário, Rui (2007). A Educação e o Movimento Popular do 25 de Abril. Em Rui Canário (org). *Educação Popular e Movimentos Sociais* (pp. 11-35). Lisboa: Educa.
- Canário, Rui (2009). Associativismo e Educação Popular. Em Rui Canário, & Sónia Rummert, *Mundos do Trabalho e Aprendizagem* (pp. 133-154). Lisboa: Educa.
- Canário, Rui (2013). *Educação de Adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Cardoso, Carla (2013). *CRACS (Coletividade Recreativa e de Ação Cultural de Souselas): Percorso histórico, participação e aprendizagens*. Porto: Dissertação de Mestrado, FPCEUP.

- Cavaco, Carmen (2002). *Aprender Fora da Escola – Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa.
- Delors, Jacques (1998). Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO. Consultado em:  
[http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf)
- Ferreira, Fernando Ilídio (2011). A Animação Sociocultural, Associativismo e Educação. Em José Dantas Pereira & Marcelino de Sousa Lopes, *As fronteiras da Animação Sociocultural* (pp. 123-145). Chaves: Intervenção - Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Gadotti, Moacir (2005). *A Questão da Educação Formal/Não-Formal*. Sion: Institut International des Droits de L'enfant.
- Gomes, José Bernardo (2018). Caracterização do Associativismo – Figueira da Foz. Cadernos Municipais Figueira da Foz (50).
- Goodolphim, Costa (1876). *A Associação. História e Desenvolvimento das Associações Portuguezas*. Lisboa: Typographia Universal.
- Josso, Marie-Christine. (2002). *Experiências de vida e de formação*. Lisboa: Educa.
- Medina, Teresa (2008). *Experiências e Memórias de Trabalhadores do Porto. A Dimensão Educativa dos Movimentos de Trabalhadores e das Lutas Sociais*. Porto: Tese de Doutoramento, FPCEUP.
- Medina, Vítor (2004). *Sociedade de Instrução Tavadense. Cem anos ao serviço do povo...e caminhando*. Figueira da Foz.
- Santos, Boaventura de Sousa (1990). *O estado e a sociedade em Portugal (1974-1988)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, Maria Isabel (2014). *Leitura e Ideologia Republicana: As Escolas e Bibliotecas Populares da Figueira da Foz (1900-1910)*. Figueira da Foz: Município da Figueira da Foz.
- Veloso, Esmeraldina (2004). *Políticas e contextos educativos para os idosos: um estudo sociológico numa Universidade da Terceira Idade em Portugal*. Braga: Tese de

Doutoramento, Universidade do Minho. Consultado em:  
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/908>

Viegas, José Manuel (2004). Implicações Democráticas das Associações Voluntárias – O caso Português numa perspetiva comparativa europeia. *Sociologia, Problemas e Práticas* (46), 33- 50.

## **Legislação**

Constituição da República Portuguesa, VII Revisão Constitucional (2005).

Lei de Bases do Sistema Educativo (1986).